

Glaura Gaialde Silveira

**BOXE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades e tensões no ensino das
lutas na escola.**

Florianópolis
2017

Glaura Gaiaralde Silveira

BOXE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades e tensões no ensino das lutas na escola.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Conclusão de Curso I como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gaiaralde Silveira, Glaura
Lutas na Educação Física escolar : O boxe como estratégia
pedagógica / Glaura Gaiaralde Silveira ; orientador,
Ricardo Pacheco, coorientador, Fabrício João Milan, 2017.
70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Lutas. 3. Boxe. 4. Educação Física.
I. Pacheco, Ricardo. II. João Milan, Fabrício . III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. IV. Título.

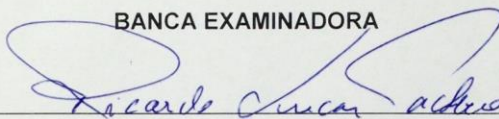
Glaura Gaiaralde Silveira

BOXE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades e tensões no ensino das lutas na escola.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Licenciada em Educação Física" e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de Novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Lucas Pacheco -Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fabrício João Milan -Co-orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a - Dr. Fábio Machado Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. - Marcos Paulo Vaz de Campos Perreira
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. – Marcio Rogério Delfes Branco
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

“Você luta?! Mas tem o rostinho tão feminino.” Ao boxe, que sofre ainda hoje preconceitos, mesmo sendo um esporte que já modificou inúmeras vidas, esporte este que doei meu corpo, meu suor, sangue e lágrimas, esporte que me levou a lugares incríveis e que me proporcionou diversas realizações.

“Tu tá estudando?” Porque antes de sair da faculdade, temos que entrar nela. À Dédi, minha amiga de longe que sempre está perto.

Precisou do último semestre da faculdade para nos aproximar, mas não teve hora melhor não é mesmo? À Fran porque, quando tudo era “cocô”, ela transformava em sol, areia e mar.

À “Né”, uma prima de segundo grau nada “corriqueira”, ela incansavelmente me auxiliou nessa pesquisa.

Ao Fábio professor e supervisor do estágio, que em nenhum momento, questionou o tema da minha intervenção, pelo contrario, ajudou para que essa pesquisa fosse finalizada.

“Sou teu fã” essa é a frase mais dita por ele, que abriu as portas da academia, não só para a pesquisa, mas também quando eu era atleta. Ao Dadá, por ser um grande incentivador do boxe e ter um coração enorme.

“Quando nada parecia dar certo para realizar essa pesquisa, ele interveio e me ajudou para que ela se concretizasse. Ao Fabrício, que sempre tinha um tempo, para explicar, ajudar, aconselhar sobre o trabalho de conclusão do curso.

“Tais sozinha aqui? Cadê a Renata?” Fizemos tudo juntas, a UFSC não nos conhece separadas. Porém, no momento que tanto esperamos, não estamos juntas, isso machuca tanto. Minha vontade era esperar, mas sabe como é, eu só tenho carinha de nova, mas já estou quase beirando aos 30! (Olha como eu gosto de ti, quase falei a minha idade, tu sabes que eu minto!) À Renata, que fez a UFSC mais colorida, colorida? Não! Fez da UFSC uma festa, um cinema, uma's norteña e o resto... Melhor ficar para nós.

“Tu tá insuportável” essas palavras eu escutei quase que diariamente, antes de entregar a pesquisa, mesmo assim ele fazia todas as minhas vontades. Ao Thiago, que sempre foi amigo, companheiro, confidente e principalmente incentivador da minha trajetória no boxe.

“Eu morro de medo de ter filhos e não ser para eles o que meus pais são para mim” essa frase é minha, e retrata a paixão que eu tenho pela minha mãe e pelo Cau. As pessoas sempre começam com os agradecimentos pelos pais,

não é mesmo? Mas eles são diferentes e eu, por consequência também sou, eu não conheço pais tão dedicados quanto eles; não conheço pais que deixam a filha voar da maneira que eles sempre deixaram, acreditando, e dando possibilidades. Aos meus pais, que são exemplos de como viver a vida, meu muito obrigada.

RESUMO

BOXE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades e tensões no ensino das lutas na escola.

Autor: GLAURA GAIARALDE SILVEIRA

Orientador: RICARDO LUCAS PACHECO

O boxe é uma modalidade muito antiga, caracterizada por uma atividade física completa, não sendo necessários materiais sofisticados para a realização deste esporte nas escolas. As lutas, como conteúdo da Educação Física, fazem parte dos PCN's, porém a maioria dos profissionais de Educação Física não se encontram suficientemente, seguros para trabalhar com este conteúdo, sem suporte adequado da formação inicial e/ou continuada. Portanto, é oportuno relatar a experiência do ensino do boxe, através do estágio supervisionado II e propor estratégias de ensino, para esta modalidade. Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso descritivo e de natureza qualitativa, os participantes do estudo, são os escolares do nono ano de uma escola da rede municipal de Florianópolis. Para a realização, da coleta de dados, foram utilizado dois questionários um antes (*Ex ante*) do módulo de aulas e um após (*Ex post*), além de, um diário de campo, no qual as observações das aulas eram registradas. Sendo assim, buscou-se centralizar as lutas na Educação Física escolar nos seguintes pontos: lutas e a violência; a prática do boxe e a percepção dos estudantes, de acordo a modalidade ensinada. Analisando os dados, foi possível observar que, dificilmente, os estudantes possuem aula de lutas na Educação Física escolar, no entanto, a prática das lutas e do boxe foi bem aceita por eles, que enumeraram os diversos benefícios provenientes do esporte, logo as estratégias de ensino propostas, nessa pesquisa, foram satisfatórias e alcançaram os objetivos a que ela se propôs.

Palavras chave: Boxe; Lutas; Escola.

LISTA DE ABREVIATURAS

PCN'S: Parametros Curriculares Nacionais

CBBOXE: Confederação Brasileira de Boxe

AIBA: Associação Internacional de Boxe

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo Geral	12
2.2 Objetivos Específicos	12
3. JUSTIFICATIVA	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 Conhecendo o boxe	14
4.2 O valor educativo do boxe	17
4.3 Boxe e a Educação Física	20
4.4 Boxe, gênero e violência	23
4.5 Proposta e estratégias de inserção do boxe nas escolas	26
5. METODOLOGIA	31
5.1 Caracterização do estudo	31
5.2 Participantes do estudo	32
5.3 Instrumentos de coleta de dados	33
5.4 Procedimento de coleta de dados	32
5.5 Tratamento dos dados	33
5.6 Caracterização do cenário: o foco da intervenção	35
5.7 Delineando o módulo de aulas: o boxe na realidade escolar	36
6. DISCUSSÃO	40
6.1 Lutas na Educação Física Escolar	40
6.2 Boxe nas aulas de educação física	40
6.2.1 <i>A prática</i>	42
6.3 A percepção dos estudantes sobre o boxe	53
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	63

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

É tarefa da escola e, especialmente, da Educação Física introduzir de maneira crítica os indivíduos no cenário da cultura corporal ou cultura de movimento, fazendo-se uma leitura adequada da política do corpo ou mesmo de como este corpo se apresenta na dinâmica atual de cultura, nas suas interações sociais (BRACHT, 1999). Os conhecimentos que daí brotam são inúmeros e se transformam ao longo do tempo, ressignificando suas intencionalidades e suas maneiras de expressão, constituindo-se assim a cultura corporal ou cultura de movimento (BRASIL, 1997).

Dentre aquilo que pode ser considerado como produções dessa cultura corporal, algumas estão incorporadas na Educação Física a partir de seus conteúdos, nomeadamente o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e a luta (BRASIL, 1997). Todos eles possuem uma finalidade de aprendizado diferente, portanto, deve ser transmitida aos alunos para que estes possam ter uma diversidade de conteúdos aprendidos para seu cotidiano.

É importante ressaltar, nesta perspectiva, que a Educação Física Escolar deve incluir, tanto quanto possível, todos os alunos nos conteúdos que propõem, adotando para isto estratégias adequadas. (DARIDO, 2012, p. 56). No caso do conteúdo lutas, precisa-se, primeiramente, de compreender o que são, e Darido (2012) nos revela que são manifestações corporais que podem ser facilmente inseridas nas escolas, sendo o seu aprendizado distinto em relação aos outros conteúdos, pois, objetiva-se sempre superar um adversário fisicamente, a partir de princípios que variam conforme a modalidade específica.

“As lutas são disputas em que o oponente deve ser subjugado, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa.” (BRASIL, 1997, p. 70). Nesta perspectiva, cada esporte possui a sua caracterização, e cada modalidade passa um aprendizado diferente ao praticante, portanto as lutas devem também ser abordadas nas escolas já que estão inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

De acordo com Carreiro (2005), as aprendizagens propiciadas pelas lutas são muito positivas e a atuação do professor tem importância ímpar, conduzindo os alunos a assumirem posturas de confraternização, de respeito

às diferenças e ao adversário, bem como construção de valores positivos nos alunos. Desse modo, os professores de Educação Física têm um papel fundamental para os escolares pois, é através deles que as manifestações corporais são inseridas na cultura dos estudante.

As lutas podem ser desenvolvidas desde as séries iniciais até o Ensino Médio, cada etapa de acordo com a sua complexidade, utilizando as dimensões dos conteúdos, a saber, conceitual, atitudinal e procedimental. Segundo González (*apud* NASCIMENTO, 2008), nos anos iniciais, deve-se, em uma primeira etapa, buscar desenvolver as habilidades motoras básicas e juntamente a capacidade de tomada de decisões que são demandas em situação ofensiva e defensiva; em uma segunda etapa, procuram tematizar as lutas, compreendendo-as como criações humanas, vivenciando-as num processo coletivo de estudo e apropriação de seus elementos básicos que lhe são estruturantes.

Neste cenário, para que os profissionais de Educação Física possam inserir as lutas, na escola, torna-se necessária uma formação inicial de qualidade. De acordo com alguns autores, as lutas têm criado muitas dúvidas aos professores durante a prática pedagógica, primeiramente, por não terem domínio destes conteúdos ou por desconhecimento e preconceito com relação às lutas e devido à carência de produção acadêmica para que os profissionais possam se basear (BARROS; GABRIEL, 2011).

No caso do boxe, por exemplo, existe ainda um determinado preconceito com a modalidade, geralmente associada à violência, e neste contexto insere-se o boxe. (MARIANTE NETO, 2010). Apesar disso, quem o pratica sabe que ele é uma arte que prioriza a técnica e não a força, sendo a tática da luta o elemento mais importante que seu melhor golpe, até mesmo o seu tempo de reação como um fator primordial para que se possa vencer. Mariante Neto (2010) também faz um parâmetro entre a academia de boxe e sala de musculação, salientando que são lugares completamente diferentes em que, no boxe, os alunos buscam a técnica; e nas salas de musculação normalmente, os alunos querem ganhar massa muscular, hipertrofiar ou tonificar. O boxe é um esporte que não necessita de materiais muito sofisticados para que a prática seja realizada, portanto, poderia ser facilmente, inserido nas escolas.

Partindo desse ponto de vista, para vivenciar as lutas nas escolas Chianca *et al.* (2005) e Carreiro (2005) apontam que os professores podem trazer as lutas com apresentação de filmes, documentários e vídeos sobre as lutas e as experiências de vida do praticante da modalidade, traçando paralelos com o próprio cotidiano, assim como, com a violência e a agressividade. Assuntos como o respeito, a concentração, a respiração, o “fazer pensar” nas atitudes com os oponentes (colegas/amigos), são possibilidades reais de aprendizado para o boxe e que devem ser consideradas.

Nesta perspectiva, o intuito desse estudo é mostrar a importância da prática das lutas e principalmente do boxe, apontando como esse esporte pode ser inserido nas escolas e quais os benefícios para seus praticantes. A partir desse contexto, o principal questionamento que se apresenta é: Qual a maneira mais apropriada para a inserção do boxe nas escolas e como o boxe poderia ser uma modalidade trabalhada nas aulas de Educação Física?

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Estudar, analisar e refletir sobre uma experiência de ensino de lutas/boxe nos anos finais do Ensino Fundamental.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar a presença das lutas e do boxe como conteúdos da Educação Física Escolar
- Analisar a percepção dos estudantes sobre o boxe antes e depois de um módulo de aulas com este conteúdo na Educação Física Escolar.
- Refletir estratégias de problematizar o ensino do boxe nas escolas e nas aulas de educação.

3. JUSTIFICATIVA

Este estudo possui como justificativas três realidades, a saber, pessoal, social e científica. Como justificativa pessoal descrevo a minha história de vida com a modalidade e como, a partir dela, surgiram em mim alguns questionamentos sobre a sua aplicação no cenário escolar.

Primeiramente, o boxe me proporcionou os sete anos mais incríveis da minha vida. Conquistei diversos títulos, tanto em nível estadual, nacional e internacional. Particpei da Seleção Brasileira em 2013 e, no mesmo ano, tive a oportunidade de viajar pela primeira vez à Europa, representando o Brasil numa competição oficial de boxe na categoria 54 kg. Além disso, o boxe me proporcionou a ida para diversas cidades do Brasil com o intuito de competir. Eu subia ao ringue pelo menos uma vez ao mês e, muitas vezes não era aqui no estado de Santa Catarina. Através da luta, eu pude conhecer melhor meu corpo, saber qual é o meu limite e, muitas vezes, tentar vencê-lo. Acredito que o esporte seja isso, vencer a si próprio a todo o momento, concordando inclusive com Wacquant (2002) ao revelar que o boxe faz do indivíduo sua própria arena de desafio e convida-o a descobrir a si mesmo, ou melhor, a produzir a si mesmo.

No entanto, a principal carência que eu percebia no mundo do boxe era a de profissionais bem instruídos, de pessoas qualificadas para ensinar e não somente reproduzir o que lhes foi transmitido. Nesta perspectiva, escolhi, primeiramente, a graduação de Licenciatura em Educação Física, para conseguir abordar o esporte pedagogicamente. No primeiro semestre da faculdade, começaram os trabalhos e em um deles eu poderia utilizar o artigo que eu desejasse. Prontamente, comecei a procurar artigos sobre o boxe. Para a minha surpresa, não encontrava o arsenal que eu acreditava existir. Portanto, a primeira ideia de fazer um trabalho com o boxe era pela falta de materiais científicos e, conseqüentemente, pela carência de profissionais especializados na área.

Como justificativa social, vê-se a necessidade de intensificar as discussões em torno das lutas como conteúdo da realidade escolar, pois, Darido e Rosário (2005) apontam que as lutas estão entre as atividades com pouca tradição no universo da Educação Física na escola. O boxe é um esporte praticado mundialmente, é uma das modalidades mais antigas dos Jogos Olímpicos e o atleta mais bem pago do mundo é um boxeador. Com esta

perspectiva, a primeira pergunta que surgiu foi: porque um esporte dessa magnitude não está inserido nas escolas?

Em contrapartida, as lutas estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, logo são um conteúdo que deve ser tratado nas aulas de Educação Física, e o boxe por ser uma modalidade olímpica deveria estar inserido neste contexto. Com a prática das lutas nas escolas e, principalmente, do boxe, os alunos poderão desenvolver diversas valências que somente a luta irá proporcionar-lhes.

Em relação à justificativa científica, percebe-se como é importante a oportunidade de ampliar os horizontes da produção acadêmica nesta temática, lançando um olhar para o cenário escolar, tendo o boxe como conteúdo cada vez mais presente nas aulas de Educação Física. “As lutas como um ramo da Educação Física escolar reúnem um conjunto de conteúdos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando.” (LANÇA NOVA, 2007 p. 04). Assim, torna-se importante a discussão em torno do boxe, e conseqüentemente das lutas, como conteúdo cada vez mais inserido na realidade da Educação Física Escolar, preferencialmente a partir daquilo que já se tem produzido no âmbito científico, com um olhar mais atento ao boxe e suas potencialidades.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Conhecendo o boxe

As lutas fazem parte da humanidade desde a sua criação, os homens lutavam pela sua própria sobrevivência, em busca de alimentos, contra animais ou mesmo lutavam com tribos vizinhas para a obtenção de terras. Com o passar dos anos, as lutas tomaram formas diferentes em cada canto do mundo. Porém, os idealizadores das lutas como um esporte foram os gregos que as incorporaram nos jogos da Grécia Antiga. Para Souza (2009) luta significa “combate com ou sem armas, entre indivíduos”, diante disso o termo luta pode ser vinculado a qualquer combate entre duas ou mais pessoas.

O boxe, como as lutas, não tem uma origem muito específica, o que sabemos hoje é que os gregos criaram o pugilato ou pancrácio e o boxe

moderno seria uma vertente desses esportes, no entanto, de acordo com Elias (1995), o boxe praticado na Grécia antiga não é a mesma modalidade de hoje em dia, portanto, o boxe, antigamente, não era visto como um esporte, porém com o passar dos anos, a modalidade se modificou e aderiu a diversas regras para que ele fosse, de fato, qualificado como um esporte.

Elias (1992) afirma que o boxe assumiu as características de um desporto na Inglaterra, onde foi, pela primeira vez, sujeito a um rigoroso conjunto de regras, sendo que a principal foi eliminar o uso das pernas como armas. Portanto, o esporte se transformou ao chegar na Inglaterra em 1743, quando Jack Broughton criou as luvas e a demarcação de um quadrado para que os boxistas se limitassem a lutar somente naquele espaço. Algumas regras de Broughton são utilizadas até hoje, como não poder bater abaixo da linha de cintura.

O boxe inglês teve uma modificação relevante em 1909 quando ocorreram as primeiras categorias de pesos do boxe. A partir desta mudança, os participantes passariam a lutar com um adversário de peso igual ao seu, assim as lutas ficaram mais seguras para os seus participantes. Porém, quem realmente regularizou a modalidade, deixando-a como um esporte foi, segundo Carrati (2012, p. 509) o inglês Marquês de Queensbury, que criou determinadas regras, sendo elas:

- O ringue foi criado e as lutas seriam realizadas somente naquela demarcação;
- Categorias de peso;
- As luvas foram inseridas nas lutas;
- Protetor bucal;
- Assaltos de três minutos com um minuto de intervalo;

A forma inglesa do esporte foi adotada como padrão por outros países que passaram a se preocupar com as regras, com a proteção dos participantes e, principalmente, por terem inserido as categorias de peso, deixando assim a luta mais equilibrada (ELIAS 1992).

A maior entidade que regulamenta o esporte amador hoje é a Associação Internacional de Boxe (AIBA). Cabe a ela organizar e dirigir

campeonatos mundiais, olimpíadas ou pan-americanos. Aqui no Brasil, a Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE) é a principal entidade, seguida das Federações de cada estado. Todas as entidades citadas seguem o mesmo padrão de regras, sendo as principais:

- As categorias são divididas por idade: masculino e feminino, de dezenove a quarenta anos são boxeadores de Elite; de dezessete e dezoito anos, boxeadores Juvenis; quinze e de dezesseis, boxeadores Cadetes;
- Protetor Bucal deve ser usado pelos boxeadores, não podendo ser vermelho;
- Luvas de dez onças para todas as categorias das mulheres e homens até a categoria 64kg a partir dela, luvas de doze onças devem ser utilizadas;
- Protetor de cabeça, para mulheres, cadetes e juvenis;
- Em todas as competições masculino e feminino elite e Juvenil masculino e feminino, os combates devem ter a duração de três (3) *rounds*, de três (3) minutos, com um minuto de descanso.

Conforme o quadro 1, as divisões de peso são organizadas em Masculino e Feminino, estando dentro destas subdivididas em elite e juvenil para masculino e feminino, e Jogos Olímpicos apenas para feminino pois o masculino, nos jogos, entram com as suas dez categorias originais. Há também as categorias Cadete Masculino e Feminino.

Quadro 1: Divisão das categorias de peso

Masculino		Feminino			Cadete Feminino e Masculino	
Elite	Juvenil	Elite	Juvenil	Jogos Olímpicos*		
46 a - 49kg	46 a - 49kg	45 a - 48kg	45 a - 48kg	51kg	44 a -46kg	75kg
52kg	52kg	51kg	51kg	60kg	48kg	80kg

56kg	56kg	54kg	54kg	75kg	50kg	+80kg
60kg	60kg	57kg	57kg		52kg	
64kg	64kg	60kg	60kg		54kg	
69kg	69kg	64kg	64kg		57kg	
75kg	75kg	69kg	69kg		60kg	
81kg	81kg	75kg	75kg		63kg	
91kg	91kg	81kg	81kg		66kg	
+91kg	+91kg	+81kg	+81kg		70kg	

*Nos jogos olímpicos, o boxe feminino conta com apenas três categorias de peso, diferente do masculino que possui todas suas categorias.

Fonte: AIBA – Regras técnicas

Como podemos averiguar, o boxe foi-se transformando ao longo dos anos, partindo de um esporte primitivo onde as regras eram ineficazes para a segurança de seus desportistas, para um esporte onde prevalece a técnica e a tática, muito mais do que a força bruta.

4.2 O valor educativo do boxe

O boxe é padronizado, é um esporte de combate e não uma forma de violência, possuindo suas próprias características e benefícios, sendo reconhecido mundialmente, tendo inclusive o atleta mais bem pago do mundo no ano de 2015¹. Conseqüentemente, o esporte vem-se destacando e ganhando seu espaço, principalmente nas classes sociais mais baixas onde este serve de trampolim para que os mais carentes consigam ter uma vida melhor. Documentários como *T-Rex*, *Champs*, *Encarando Ali*, *Mery Kon*, *Os Irmãos Klitschko – As Lendas do Boxe* e *Tyson* mostram histórias de crianças de periferias que ganharam seu espaço na sociedade através do boxe.

Como constata Elias (1992), a realização de confrontos urbanos, como o boxe, adaptou o costume das classes de níveis mais baixos ao gosto das classes mais altas. As maiores lutas de boxe ocorrem em hotéis luxuosos, sempre com um grande número de apostas, uma das maiores lutas da história do boxe aconteceu nos anos noventa, quando Myke Tyson enfrentou Evander Holyfield, essa luta fecha um ciclo, pois resulta na decadência de um mito, Tyson tinha vinte anos de idade e parecia imbatível, porém Hoyfield mostrou ao mundo quem era o novo campeão dos pesos pesados. O processo final do boxe, ou seja, as lutas mostram claramente o que Elias (1992) afirma, pois

¹ Disponível na edição online da Revista Forbes: <http://www.otempo.com.br/superfc/revista-forbes-divulga-atletas-mais-bem-pagos-de-2015-1.1121203>.

Tyson e Holyfield vinham de classes de níveis muito baixos, porém as grandes estrelas do “show” eram os dois, os níveis mais altos da sociedade estavam somente de telespectadores dessa grande luta.

Myke Tyson e Evander Holyfield tiveram infâncias difíceis, no entanto, o boxe os levou para diversos cantos do mundo, ele mudou a vida desses dois atletas como se pode ver em dois livros, *Myke Tyson: A Verdade Nua e Crua* e em *Holyfield: A Luta de Um Campeão*. Esses livros têm em comum a história de duas crianças negras de periferia que tiveram o contato com o esporte e ali descobriram uma forma de mudar as suas vidas. No Brasil, um dos maiores nomes do esporte é Acelino Popó Freitas, nascido em uma periferia de Salvador, na Bahia, o seu livro *Com as Próprias Mãos* retrata mais uma história, dessa vez brasileira, de superação através do esporte.

De fato, é comum ouvir-se um boxeador exclamar: "Todo tempo passado no *gym*² é menos tempo passado na rua!"; "Isso me protege da rua"; "Prefiro ficar aqui que na rua, me metendo em roubada" (WACQUANT 2002, p. 45). A academia de boxe remete a seus praticantes um novo mundo, onde sua glória depende somente de você e de seu treino para conseguir ser o melhor. Se você se sacrifica, se você dá o seu máximo, você irá obter resultados, você conseguirá melhorar e modificar sua técnica. Portanto, a academia se torna um refúgio para estas pessoas.

Além da inclusão social que o esporte proporciona, o boxe e as lutas são atividades dinâmicas, não possuem um ritual, uma rotina, como na academia de musculação, ou em atividades decoradas como nas danças. No boxe, toda a aula é distinta, cada pessoa que está a sua frente tem seu próprio pensamento, sua forma de jogar e seu tempo de reação.

Você nunca sabe o que vai acontecer no ringue, e eu adoro isso. Detesto ficar me aborrecendo, fazendo a mesma coisa o tempo todo. E com o boxe, toda vez eu poderia tocar as luvas com você dez vezes, toda vez ia ser um combate diferente. Aí, é isso que eu gosto no boxe: sempre acontece o imprevisto. (WACQUANT, 2002. p. 239).

Sendo assim, o boxe auxilia na criatividade, na agilidade, no tempo de reação e no tempo de resposta. “O tempo de reação é definido como sendo o

² Termo utilizado por Loic Wacquant referindo-se à academia de boxe na qual ele fez o seu estudo etnográfico.

intervalo de tempo decorrente desde um estímulo até o início de uma resposta. Sendo um indicador da velocidade de processamento da informação” (VAGHETTI *et al*, 2007, p. 81). Portanto a cada reação do seu adversário, a cada ataque ou defesa dele, ou a cada movimento do próprio saco de pancadas, teto solo ou pera o praticante de boxe precisa se posicionar, corretamente, para formular uma nova estratégia. Por conseguinte, o praticante de boxe deve estar em constante movimento e sempre preparado para que algo extraordinário ocorra.

Elias (1992) salienta que qualquer esporte que seja praticado, porém, principalmente, nas lutas é possível de se observar o grande efeito de alívio, a libertação das tensões, mesmo que seja somente um treino, e por vezes com a vitória de um ou de outro lado. Desta maneira, as lutas proporcionam o combate direto entre cada indivíduo, mesmo que seja somente uma simulação de luta. Conforme ressalta Darido (2012, p. 71) “em nenhuma outra prática esportiva há a possibilidade de impor a resistência física contra o adversário de maneira explícita e legal (permitida perante as regras do esporte)”. Logo, esse é o diferencial das lutas e do boxe perante as outras modalidades esportivas ensinadas para os estudantes nas escolas.

Nessa perspectiva, as lutas também invadem os espaços educacionais, tornando-se práticas educativas, desenvolvendo, no educando, habilidades, conduzindo-o a ter autodomínio, a superar limites, a ter disciplina, o autocontrole emocional e a concentração. (SOUZA JÚNIOR, *et al*. 2010). O boxe desenvolve, no praticante, a musculatura cardíaca, o aumento da capacidade pulmonar e, principalmente, melhora a coordenação motora. Um estudo, desenvolvido por cientistas esportivos do comitê olímpico dos Estados Unidos, publicado no site da ESPN americana³, no qual se avaliou a modalidade do boxe como uma das mais exigentes de ser praticada no âmbito dos esportes no geral. Sessenta modalidades foram incluídas e a pesquisa considerou dez diferentes quesitos, nomeadamente a resistência, força, potência, velocidade, agilidade, flexibilidade, controle emocional, média de anos de atividade de um praticante, coordenação e capacidade analítica. O

³ Disponível em: http://www.espn.com/espn/page2/sportSkills?sort=total_rank#grid.

boxe ficou na primeira posição por ser este o esporte mais difícil de praticar e competir.

Com todas essas habilidades provenientes do boxe, a inserção deste nas escolas capacitaria os estudantes a inúmeras valências que somente a luta poderá desenvolver, além de toda a cultura do movimento, a história das lutas, a história do boxe como um esporte e como meio de inclusão social. Para agregarmos o boxe ao cotidiano dos alunos, seria essencial escolher métodos, estratégias e instrumentos para que o objetivo do esporte seja alcançado. É preciso ter, claramente, definido os conteúdos a serem ensinados em sala de aula. Os jogos de combate conhecidos como jogos de oposição, referem-se à luta numa dinâmica pedagógica e lúdica, assim não há um contato direto e agressivo entre os participantes (JÚNIOR; SANTOS, 2010).

Os jogos de combate e de oposição seriam uma forma de agregar as lutas nas aulas de Educação Física, estes beneficiariam os discentes, principalmente, com o equilíbrio, flexibilidade e com tomada rápida de decisões. Portanto, elaborar estratégias de ampliação dos conteúdos primeiro da luta e mais tarde abordar o boxe seria a maneira correta de os alunos terem essa cultura de movimento, que normalmente não está inserida nas escolas⁴.

O estudo de Chaves, Silva e Medeiros (2014) trouxe para dentro das escolas o caratê e o boxe, em que a aprendizagem desses esportes se baseou nas três dimensões de conteúdo; a conceitual, a atitudinal e a procedimental. Com esse estudo, os alunos dessa turma conseguiram, através desses esportes, compreender, basicamente, o sentido das modalidades do boxe e carate, os benefícios do esporte, a técnica e os seus valores sociais, já que foram apenas quatro aulas trabalhados com a turma.

4.3 Boxe e a Educação Física

A Educação Física escolar deve oferecer oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando ao seu aprimoramento como seres humanos. (BRASIL, 1997, p. 24), logo a Educação Física escolar tem como meta transmitir o maior

⁴ Disponível: <https://novaescola.org.br/conteudo/1229/o-lugar-da-luta-nas-aulas-de-educacao-fisica>

arsenal possível de práticas corporais existentes, para que os discentes possam encontrar as atividades que mais lhe agradam, bem como desenvolver toda sua capacidade corporal através delas. Para que esses conteúdos fossem transmitidos para os alunos foram criado os PCN'S.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o intuito de orientar e nortear os educadores para alguns fatores fundamentais de cada disciplina, servindo tanto para escolas da rede pública quanto para escolas particulares, ou seja, os PCN's são base para os conteúdos das escolas, podendo estas modificá-los de acordo com a cultura e a realidade local. As formas de movimento corporal que estão inseridas nesse contexto são as danças, os esportes, as ginásticas, os jogos e as lutas. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 37):

A vivência de situações que envolvam perceber, relacionar e desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras presentes nas lutas praticadas na atualidade; vivência de situações em que seja necessário compreender e utilizar as técnicas para as resoluções de problemas em situações de luta (técnica e tática individual aplicada aos fundamentos de ataque e defesa); vivência de atividades que envolvam as lutas, dentro do contexto escolar, de forma recreativa e competitiva.

“A Educação Física deve proporcionar diversas formas de cultura corporal, como as atividades relacionadas às lutas, que devem fazer parte das modalidades ofertadas aos discentes.” (FERREIRA, 2006, p. 271). Primeiramente para que o conteúdo lutas seja abordado nas aulas de Educação Física escolar, é necessário que os professores tenham alguma vivência no assunto, quer seja na graduação, ou em cursos especializantes, para que eles se sintam aptos e seguros a transmitir para os alunos essas modalidades de lutas ou de boxe.

Segundo Drigo (2001), o conteúdo lutas é pouco visível para os professores, visto os poucos estudos sobre essa temática. A universidade é onde os graduandos procuram se especializar nas áreas que mais acham atrativas, porém se esse conteúdo, no caso, as lutas, não for transmitido aos alunos, como que estes, mais tarde como professores, irão propagar o tema nas escolas se não possuem nenhuma vivência do mesmo.

Gonçalves Junior (2005, p. 131) afirma:

São raros os cursos de graduação em Educação Física, quer seja de licenciatura, quer seja de bacharelado, que possuam em sua grade curricular alguma disciplina, obrigatória ou optativa, relacionada às lutas, resultando em certo distanciamento do profissional de educação física do universo cultural das artes marciais.

Mariante Neto (2012) apresenta em seu estudo que nos anos sessenta, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o boxe era uma matéria contida no currículo do curso de Educação Física, porém a despreocupação teórica sobre as lutas e, principalmente, sobre o boxe fez com que essa matéria se extinguisse do curso. Essa despreocupação teve como consequência preconceitos em relação às lutas nas universidades e esse efeito se da também aos professores e alunos. Portanto, hoje, para que os profissionais da Educação Física consigam ter conhecimento e realizar as práticas corporais das lutas estes precisam fazer cursos, oficinas e com isso ter a vivência da prática para que a transmissão dos conteúdos possa ser clara para o aluno.

Um dos grandes desafios da Educação Física escolar “é permitir ao aluno a plena participação e acesso ao vasto campo da cultura corporal, possibilitando-lhe o desenvolvimento crítico e transformador da realidade social no qual está inserido.” (MOREIRA; MAROUN, 2014, p.176). Portanto não inserir as lutas nas escolas, como a prática do boxe, acarretará no desperdício de um elemento capaz de contribuir para o crescimento dos estudantes enquanto cidadãos.

O estudo de Moreira e Maroun (2014) objetivou relatar a experiência do estágio em uma turma do Ensino Médio em que o conteúdo transmitido para os alunos foi o boxe, a capoeira e o judô. Logo na primeira aula, os alunos puderam ter a vivência da luta dentro de um ringue adaptado com cadeiras: “a proposta foi percebida com estranhamento por parte dos alunos, pois parecia que eles não esperavam realizar uma experiência de luta, tampouco do boxe” (MOREIRA; MAROUN, 2014, p.178). Esse distanciamento dos alunos em relação às lutas, ou ao boxe propriamente dito mostra a fragilidade e a limitação dos conteúdos trabalhados na Educação Física escolar nesta escola.

As lutas estão contidas nos PCN's como um conteúdo obrigatório nas aulas de Educação Física e trazem benefícios únicos aos alunos como já foi discutido anteriormente, porém como afirmam So e Betti (2009) “a presença

das lutas nas escolas é pequena, e, quando existe, é ministrada por terceiros e desvinculada da disciplina de Educação Física, em atividades extracurriculares ou por meio de grupos de treinamento”. (p 544). Logo o repertório de movimentos corporais que as lutas proporcionam, está sendo abafado sendo as lutas na escola somente oriundas de treinamento esportivo.

4.4 Boxe, gênero e violência

As lutas são modalidades esportivas com regras e valores, diferente das brigas de rua que são manifestações de agressividade desorganizadas, embora, mesmo assim, é comum verificar que “os pais não querem que os filhos façam boxe.” (WACQUANT, 2002, p. 192). O boxe é um esporte estereotipado como violento, o mesmo não possui o seu devido espaço nas escolas ou nas aulas de Educação Física, como salienta Chianca *et al* (2016) “o conteúdo Lutas, nas escolas, ainda é trabalhado de forma limitada.” (p.68).

A violência está presente nos dias atuais, principalmente nas classes sociais mais baixas, porém se o estudante direcionar sua energia para um esporte, com regras e valores, ele estará saindo desse círculo vicioso da violência que o cerca. No livro de Loic Wacquant intitulado *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*, o autor apresenta inúmeros casos de boxistas que preferiam estar na academia treinando, a estar nas ruas: “ele mesmo já me disse como teria ficado feliz se tivesse vindo pra academia com 15, 16 anos. Mas não tinha “gym” lá onde ele morava antes, então, ele não fazia nada. Passava o tempo brigando no bairro dele.” (WACQUANT, 2002, p. 66). Logo, antes de serem ativos no boxe, esses indivíduos brigavam nas ruas, gerando confusões na cidade, mais tarde, depois de incorporados ao boxe desprendiam todo o seu tempo e energia para o esporte.

As lutas no geral e, principalmente, o boxe exigem disciplina e concentração para a realização dessas práticas, portanto é justamente o contrário do que os leigos no assunto imaginam. O boxe não gera violência, a modalidade é um confronto simulado, que possui regras, e os dois boxeadores estão aptos a realizar o combate. “O salão de boxe define-se em uma relação de oposição simbiótica com o gueto que o rodeia e encerra” (WACQUANT, 2002, p. 76). Nesta lógica, o boxe mais uma vez serve de refúgio para seus

praticantes, como Wacquant (2002, p. 275) apresenta, "se não fosse pelo boxe, confia-me ele, [...] não sei onde eu estaria, provavelmente em cana, ou certamente morto em algum lugar, nunca se sabe.

Para Alves Jr. (2003, p. 75), "devemos ter consciência de que a atividade física das lutas não é nem nociva nem virtuosa em si, ela transforma-se segundo o contexto. A luta na universidade, na escola, ou em qualquer outro local, torna-se o que dela a fazemos [...]".

A conotação de brutalidade, agressividade e violência tão difundidas pelos meios de comunicação que mitificam o esporte e olhar do senso comum se baseia apenas nessas representações (MARIANTE NETO, 2012, p.113). Então, a prática das lutas na escola auxiliará para que esse pensamento errôneo não se propague, pois os alunos sairão da escola com uma visão mais madura sobre essas lutas, conhecendo sua história, de onde vieram, como fazem parte da humanidade, poderão conhecer suas técnicas e diferenciar de cada estilo de luta, saberão os benefícios que essas modalidades proporcionam.

A violência no boxe é sempre controlada (MARIANTE NETO, 2012, p. 64), o esporte e as lutas no geral possuem um contato maior com o seu adversário e tornam-se mais desafiadoras que os outros esportes pela oposição entre duas pessoas. No entanto, esse confronto possui regras e princípios nos quais os seus participantes devem seguir, e o professor de Educação Física seria o encarregado de orientar, corretamente, os estudantes sobre a prática das lutas e do boxe.

O desenvolvimento do boxe na escola não seria como em uma academia. Nas aulas de Educação Física, o boxe agregaria aos estudantes mais uma forma de atividade física, de cultura de movimento. Chaves *et al*, (2014, p. 89) afirmam "destacamos a possibilidade de trabalhar o conteúdo não hegemônico lutas na escola, sem a necessidade de se prender à cobrança de habilidades ou gestos técnicos perfeitos destas manifestações culturais. Então, a maneira com que a luta é abordada dentro das escolas irá ser de total importância, pois os fundamentos do boxe bem elaborados, explicados, contextualizados e vivenciados trará enormes proveitos para a sociedade como um todo.

Quando se trata de luta, o preconceito perante a mulher é muito vasto, no entanto, as mulheres foram inseridas nos Jogos Olímpicos, em 2012, mostrando uma transformação no esporte, no entanto somente com três categorias de peso, enquanto os homens competem com dez categorias. A inserção das mulheres nas Olimpíadas demonstra o quanto o esporte se modificou, porém mesmo as mulheres, tendo o seu espaço na maior competição do mundo, ainda hoje existe discriminação como constatou Mariante Neto (2012, p. 29) ao revelar que “uma aluna que praticava boxe há três meses sempre relatava que sua família não apoiava a sua adesão ao esporte por considerá-lo de “homem””.

Segundo o que ressalta Melo (2002), a capacidade de movimentos das meninas no esporte será menor porque desde cedo elas são poupadas de algumas atividades físicas. Esse contexto errôneo e ultrapassado de que existem esportes que a mulher não pode praticar, não deve ser incluído nas escolas, onde a inclusão é o seu grande objetivo.

Laila Ali, a filha do grande boxeador Muhammed Ali, a lutadora da Sérvia Duda Yancovich, radicada no Brasil, as duas bicampeãs olímpicas no boxe, Claressa Shields e Nicola Adams, a baiana e medalhista olímpica Adriana Araujo, todas são exemplos de atletas de boxe de alto rendimento que superaram dificuldades e discriminação em um esporte onde a sua maioria ainda é masculina.

O filme *Menina de Ouro* (2004) mostra o boxe como sendo um esporte masculino, onde um renomado professor de boxe (Frankie Dunn) não treina mulheres, por acreditar que o esporte só pode ser praticado por homens. No entanto, é contrariado por um aprendiz de boxe (Maggie Fitzgerald), determinada a ter Frankie como treinador. No decorrer do filme Maggie, ela demonstra que a prática do boxe pode sim ser feita por qualquer um, independente de idade (já que possuía uma idade mais elevada), sexo ou habilidade.

Os filmes não são como a vida real, no entanto, representam-na, e existem inúmeras atletas de boxe, ou outras modalidades de lutas que passaram pela mesma discriminação de Maggie, no entanto, seguiram com o esporte e ganharam seu espaço. O boxe, segundo Mariante Neto (2012), possui algumas representações como as de ser praticado por camadas sociais

mais oprimidas que veem no boxe uma forma de mudança para a sua condição de vida, além de o boxe se caracterizar pela sua predominância masculina, ou seja, um mundo não habitável pelas mulheres.

As inúmeras modificações que o boxe vem sofrendo, desde as suas regras até o ambiente que pode ser praticado, fez com que esse esporte se transformasse em uma modalidade praticada por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos e idades. Fazendo uma relação entre o boxe apresentado por Wacquant (2002) e o boxe apresentado por Mariante Neto (2012), podemos constatar o quanto o esporte se transformou.

Wacquant (2002) apresenta um boxe praticado pelas camadas sociais mais baixas, o “gym” servia de refúgio para essas pessoas, pois, dentro da academia, não estariam em brigas ou em confusões nas ruas. As mulheres não podiam treinar boxe, não era permitida nem a entrada delas na academia, pois, seria uma forma de distração para os homens que ali praticam o esporte. Logo o boxe era padronizado como um esporte masculino. Já o boxe para Mariante Neto (2012) é um boxe mais atual, um boxe de academia, onde seus participantes em sua maioria visam a uma melhora na aptidão e do condicionamento físico, não possuem o intuito da luta ou do alto rendimento, praticam o esporte por ele ser aeróbico, pois os seus objetivos sobre o boxe é fazer uma atividade física. As mulheres são bem-vindas e muitas praticavam o boxe com interesse em sua técnica e em seus movimentos específicos. Nesta perspectiva, o boxe desses dois estudiosos se difere e, portanto, atualmente o estereótipo do boxe de ser uma prática masculinizada, agressiva e violenta deve ser questionado.

4.5 Proposta e estratégias de inserção do boxe nas escolas

O boxe, como qualquer outra prática corporal que passa por transformações, modificou-se ao longo dos anos, saindo de um esporte masculinizado onde seu principal intuito era a luta e o alto rendimento para um esporte que todos, independente da idade, sexo ou habilidades físicas podem praticar. (MARIANTE NETO, 2012) Inclusive, os escolares, aprendendo suas técnicas, podem vivenciar uma “luta” e ainda se divertir com o esporte. Beneficiando-se com elementos como a melhora cardiorrespiratória, equilíbrio,

agilidade e força, ou seja, ampliar seu repertório cultural e complexificar as experiências motoras dos mesmos. (CHIANCA et al, 2016)

A fim de facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais, seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas, para além dos esportes tradicionais (DARIDO, 2012, p. 56). As lutas mesmo estando presente na sociedade desde os tempos mais remotos, nas aulas de Educação Física serão novidade, concordando com Darido (2012) “para que as práticas de lutas sejam ensinadas nas aulas de Educação Física escolar deve haver modificações ou transformações didático-pedagógicas” (p 70).

Dimensão conceitual, também segundo Darido (2012) é o conhecimento do processo de transformações pelo qual a sociedade passou nos hábitos de vida, em relação ao esporte e a suas modificações e na execução correta de exercícios e das práticas corporais cotidianas. A dimensão procedimental seria a vivência básica de esportes como um todo (jogos, lutas, dança, ginástica) e a dimensão atitudinal colocaria os valores do indivíduo como o respeito, a solidariedade, a inclusão, a cooperação, a interação, entre outros, valorizando as atitudes não preconceituosas quanto ao nível de habilidades, sexo e religião. Partindo desse ponto de vista, o estudante deve aprender a prática do boxe, ou seja, a base, os golpes, as esquivas, os bloqueios, saber utilizar os aparelhos do esporte, mas juntamente com esses conhecimentos deve compreender os benefícios da modalidade assim como a transformação do esporte historicamente, a sua relação com a mídia e com os valores que o esporte proporciona.

Darido (2012, p. 62) ainda salienta que:

Esses conteúdos não devem ser ensinados e aprendidos pelos alunos apenas na dimensão do saber fazer (dimensão procedimental dos conteúdos), mas devem incluir um saber sobre esses conteúdos (dimensão conceitual dos conteúdos) e um saber ser (dimensão atitudinal dos conteúdos), de tal modo que possa efetivamente garantir a formação do cidadão a partir de suas aulas de Educação Física escolar.

As lutas são um componente essencial da cultura corporal da humanidade e por isso devem ser ensinadas nas escolas, e o boxe pode ser facilmente introduzido nas aulas de Educação Física, pois é um esporte que não necessita de aparelhos aprimorados e quando visado, pedagogicamente,

ao intuito de vivenciar a cultura do movimento pode ser praticado sem nenhum instrumento. “Não precisamos de espaços amplos e de materiais relacionados a uma modalidade, precisamos sim aplicar estratégias que possam promover o aprendizado” (ELOI, 2016, p. 32). Então, o que realmente precisa ser feito é a promoção de subterfúgios que possam auxiliar os professores na transmissão do conteúdo lutas e do boxe aos alunos.

Wacquant (2002, p. 122) apresenta em seu livro que:

“[...] a iniciação ao boxe é uma iniciação sem normas explícitas, sem etapas claramente definidas, que se efetua coletivamente, por imitação, por emulação e por encorajamento difusos e recíprocos, e no qual o papel do treinador é coordenar e estimular a atividade rotineira, que resulta ser "uma fonte de socialização bem mais poderosa do que a pedagogia da instrução.”

O boxe em Wacquant (2002) citado acima contextualiza o esporte de alto rendimento, porém apresenta o esporte, mesmo sendo uma prática individual, como um esporte de aprendizado coletivo. Logo essa peculiaridade do esporte pode ser bem aproveitada em uma aula de Educação Física escolar, que, normalmente, conta com um número alto de alunos. No entanto, na escola quem deverá conduzir a aula será o professor, as aulas seriam mais baseadas no boxe da academia (MARIANTE NETO, 2012). Partindo para a dimensão conceitual seria apropriado abordar a caracterização das lutas e como elas se diferem das brigas de rua. O trabalho do docente seria mostrar ao aluno que as lutas são esportes com regras preestabelecidas, inserindo assim a dimensão conceitual das lutas. No estudo de Eloi (2016), procurou-se introduzir o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física, realizando-se oito intervenções, sendo que a primeira aula foi a inserção teórica do conteúdo. “Em duas dessas aulas foi aplicado todo o conteúdo teórico em sala, abrindo uma discussão sobre a diferenciação do que era briga e do que era luta, a fim de esclarecer todo o preconceito associada às lutas.” (ELOI, 2016, p. 24), o que corrobora com o que enfatiza os PCN's, relatando que

No primeiro ciclo, em função da transição que se processa entre as brincadeiras de caráter simbólico e individual para as brincadeiras sociais e regradas, os jogos e as brincadeiras privilegiados serão aqueles cujas regras forem mais simples [...] Um compromisso com as regras inclui a aprendizagem de movimentos como, por exemplo,

frear antes de uma linha, desviar de obstáculos ou arremessar uma bola a uma determinada distância (BRASIL, 1997, p. 47).

A base no boxe é a principal característica do esporte e é a partir dela que todos os outros golpes, esquivas e bloqueios irão ser desferidos, conforme afirma Mariante Neto (2012, p. 49):

“Todos os golpes são realizados a partir da chamada base do boxe, que consiste, no caso de um aluno destro, em colocar a perna direita atrás e a esquerda a frente (para alunos canhotos a oposição é invertida) os joelhos ficam sempre flexionados para que, na hora de desferir o soco, um número maior de articulações seja utilizado, as mãos ficam posicionadas da seguinte maneira: a mão esquerda fica a frente do queixo e a direita posicionada ao lado direito, protegendo-o.”

Neste cenário, a base é, portanto, o principal fator a ser ensinado sobre o boxe. Nesse primeiro momento, para as séries iniciais, seria adequada a introdução de jogos desportivos de oposição, onde o aprendizado da base do boxe seria o intuito final desse jogo, porém o principal objetivo seria o de incentivar, nos estudantes, a cooperação, a solidariedade sem a discriminação com as habilidades ou desempenho de seus colegas, ou seja, o simples brincar. Com essas atividades os estudantes irão conhecer a si próprios, suas possibilidades e limitações.

Abaixo estão listadas algumas possibilidades de jogos de oposição.

Quadro 2: Jogos de Oposição

Ficar no círculo	Desenhar um círculo no chão. Formar duplas. O objetivo de um é ficar dentro do círculo e o objetivo do outro é retirá-lo do círculo.
Sair do círculo	Desenhar um círculo no chão. Formar duplas. O objetivo de um dos praticantes é sair da área demarcada, enquanto o outro procura impedi-lo.
Mini sumo	Desenhar um círculo no chão. Formar duplas. Na posição agachada, deve-se tentar desequilibrar o adversário ou movê-lo para fora da área.
Tira prendedor	Cada aluno ganhará três prendedores de roupas e os colocam em sua camiseta. Um tentará tirar o prendedor do outro.
Toque no ombro	Em duplas os alunos tentaram fazer a base do boxe onde um deve tentar tocar no ombro de seu colega e não poderão deixar que o outro toque em seu ombro.

Fonte: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=413>.

“Os jogos e atividades de ocupação de espaço devem ter lugar de destaque nos conteúdos” (BRASIL, 1997, p. 42). No Ensino Fundamental, os professores devem transmitir aos estudantes conteúdo onde eles possam

compreender seu próprio corpo, sua lateralidade e percepção. Logo a dimensão procedimental seria trabalhada com os estudantes, vivenciando os jogos de oposição. Na dimensão atitudinal, os estudantes compreenderiam os valores que o esporte proporciona, ou seja, respeitando as regras que o professor estabelece e realizando a solução de problemas implantados pelos docentes.

Segundo os PCN's (BRASIL, 1997, p. 47) “é característica marcante desse ciclo a diferenciação das experiências e competências de movimento de meninos e meninas”. Por conseguinte, os professores devem contemplar atividades que propiciem o envolvimento desses dois grupos.

Os PCN'S salientam que para os estudantes “a possibilidade de compreensão das regras do jogo é maior, o que permite que percebam as funções que elas têm, de modo a sugerir alterações para tornar os jogos e brincadeiras mais desafiantes.” (BRASIL, 1997, p. 45). Logo na dimensão conceitual, os estudantes poderiam ser indagados sobre que pensam a respeito das lutas, que entendiam sobre lutar, que sabiam sobre o boxe, sobre a sua técnica. Avaliar quais estratégias seriam propícias para a modalidade, poderia ser apresentado aos estudantes vídeos ,filmes e documentários sobre a temática, para que os alunos pudessem se questionar a respeito do esporte.

Na dimensão procedimental, os professores poder-se-iam aprofundar nos movimentos corporais que o boxe dispõe, pois o grau de complexidade e de dificuldade deverá ser maior nessa etapa em que os estudantes se encontram. O docente poderá transmitir para os alunos a base, os golpes e as esquivas. Abaixo, no quadro, estão inseridos os elementos do boxe, o básico para que um estudante tenha a vivência do esporte e possa refletir sobre o mesmo, quando visualizar uma luta, um documentário, um vídeo ou um filme que contenha a prática.

Quadro 3 – Elementos do boxe

		Desenvolvimento
	Base	Perna direita atrás, perna esquerda à frente (para canhotos o contrário), joelhos semiflexionados, mão esquerda fica à frente do queixo e a direita posicionada ao lado direito.
Golpes Longos	'JaB'	Girar o quadril e estender o braço esquerdo à frente, virando-o com a palma da mão para baixo.
	Direto	Mesma mecânica do “ <i>jab</i> ” porém realizado com a mão direita.
Golpes	Cruzado	Girar o quadril, levantar o cotovelo na altura do ombro com a

Curtos		mão cruzando à frente do rosto.
	Gancho	É desferido de baixo para cima com a palma da mão girada para dentro.
	Esquivas	Joelhos semiflexionados e rotação do quadril, para o lado direito e esquerdo.

Fonte: Mariante Neto (2010).

No quadro acima, estão representados os principais elementos do boxe, porém, para aprendê-los e/ou aprimorá-los existem inúmeros jogos como o toque no ombro (como foi citado no quadro 2) para o aprendiz realizar um uma melhor movimentação de pernas. Ou executar a prática do boxe em duplas sentados no chão, para aperfeiçoar os golpes curtos. Um dos objetivos, para o segundo ciclo, nos PCN's é o de conhecimento das diferentes manifestações da cultura corporal, e ainda, adotar uma postura não preconceituosa por razões sociais, sexuais ou culturais. (BRASIL, 1997). Assim, o boxe agregaria mais uma cultura de movimento para os jovens estudantes.

Na dimensão atitudinal, os docentes trabalhariam a reflexão e a própria avaliação dos estudantes, a resolução dos problemas impostos pelo professor no decorrer das aulas de boxe, a competição e como os estudantes reagiriam a ela, e os principais valores contidos no boxe como as atitudes de cordialidade, e de respeito às regras e ao próximo. Nas séries finais do Ensino Fundamental, os estudantes já devem se posicionar de maneira crítica responsável e construtiva (BRASIL, 1997), podendo o boxe ser mais aprofundado, trabalhando estratégias e as táticas da luta a partir de vídeos da modalidade, podendo ser feita a diferenciação entre os esportes de combate e seus diferentes contextos.

5. METODOLOGIA

5.1 Caracterização do estudo

Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso descritivo e de natureza qualitativa. Um estudo de caso se ocupa com um contexto e uma realidade específica a fim de compreender, explorar ou descrever, de forma a contextualizar o objeto em questão (LUDKE; ANDRÉ, 1995). A pesquisa do tipo descritiva pode ser definida a partir das ações de “observar, registrar, analisar,

descrever e correlacionar fatos ou fenômenos [...]” (MATTOS, ROSSETO JR. e BLECHER, 2004, p.15). Por pesquisa qualitativa, entende-se que, ao se produzir conhecimentos sobre fenômenos humanos e sociais, é importante interpretá-los e compreendê-los. (TOZONI-REIS, 2009).

Nesta perspectiva, o estudo buscou contextualizar o conteúdo lutas no cenário escolar, a partir da modalidade boxe, objetivando compreender a sua manifestação ou não, e assim estabelecer estratégias que subsidiem uma intervenção pedagógica de caráter contínuo, ou seja, para que a modalidade permaneça nas ações pedagógicas dos professores de Educação Física. Este desenho realizou-se com a contribuição de estudantes de Educação Física de uma escola da região da grande Florianópolis, Santa Catarina.

5.2 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram estudantes da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no Bairro Pantanal, na rua Deputado Antônio Edu Vieira, nº 600, em Florianópolis. A escolha da escola e da turma ocorreu pelo fato de a pesquisadora ter realizado, na escola, a disciplina de Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina. A intervenção ocorreu no período matutino, com o nono ano, turma 91.

Esta turma era constituída de 36 estudantes matriculados, cuja faixa etária perfazia uma idade entre 13 e 17 anos. Destes, 21 são meninos e 14 são meninas. Para tal, fizeram parte do estudo os estudantes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão.

Como critério de inclusão, adotou-se:

1. Estar devidamente matriculado na Escola Beatriz de Souza Brito;
2. Participar regularmente das aulas de Educação Física durante o módulo aplicado;

Foram excluídos aqueles estudantes que não cumpriram os critérios de inclusão, bem como aqueles que por motivos externos venham a não participar mais das aulas, como por exemplo, transferências de turno ou de escola. Com isso, participaram da pesquisa um total de 31 estudantes no primeiro questionário, e 17, no segundo questionário.

5.3 Instrumentos de coleta de dados

Como instrumentos para coleta de dados, utilizou-se um diário de campo para registro das aulas do módulo, bem como um questionário, o qual foi aplicado em dois momentos distintos, sendo um antes do início do módulo de aulas (*Ex ante*) e outro após a aplicação do módulo de aulas (*Ex post*). O questionário pode ser definido como uma técnica de investigação, a qual é composta por um número mais ou menos elevado de questões, as quais são apresentadas aos sujeitos por escrito, cujo objetivo é conhecer as opiniões, sentimentos, crenças, interesses, situações vivenciadas, expectativas, entre outros elementos, daqueles que o responderem (GIL, 2008).

Conforme Aragão e Moretti-Pires (2012, p. 184), “o questionário aparece no cenário da pesquisa como mais um meio para obtenção de dados e como reforço aos dados coletados mediante outros instrumentos como o diário de campo e a entrevista [...]”. Sobre o diário de campo, ele se caracteriza por ser um instrumento de registro, no qual constam informações que advêm do trabalho de campo (neste caso a intervenção prática do módulo), e que depois serão utilizadas na análise dos dados pelo pesquisador (DESLANDES, 2007).

Na composição do questionário, perguntou-se aos estudantes a sua relação com as lutas e se eles veem as mesmas inseridas nas escolas, abordando-se também o boxe, bem como, qual envolvimento com este esporte os entrevistados possuíam. A entrevista foi elaborada, especificamente, para os objetivos deste estudo. Além disso, a intervenção com a turma do estágio contou com um diário de campo, no qual foram descritas as aulas realizadas, bem como as observações delas em relação à temática do boxe.

5.4 Procedimento de coleta de dados

No estágio supervisionado II, podemos escolher a turma, na qual queríamos fazer a intervenção. Juntamente com minha dupla do estágio, elegemos a turma 91, pelas aulas de Educação Física da turma, adequarem-se melhor ao nossos dias de aulas na Universidade Federal de Santa Catarina.

As aulas da turma eram na segunda-feira e na quinta-feira, sendo aula faixa, ou seja, duas aulas juntas, no entanto, separadas pelo recreio. Nas segundas-feiras o horário era das 09h15min às 10h; e depois das 10h15min às 11h; na quinta-feira a aula era única das 10h15min até as 11h.

Iniciarmos nosso módulo, observamos as aulas de Educação Física e também algumas aulas antes e depois dela, assim começamos a conhecer os 36 estudantes da turma, sendo eles 14 meninas e 21 meninos.

Depois do reconhecimento da turma, procuramos desenvolver o plano de ensino e, juntamente, desenvolvi todo o módulo de aula proposto para essa pesquisa. Este módulo sofreu alterações, em decorrência do tempo e do espaço, no entanto, essas modificações não afetaram a continuidade da pesquisa.

As intervenções iniciaram no dia quatorze de setembro de dois mil e dezessete, com o primeiro questionário, realizado antes de qualquer aula sobre a temática. As demais aulas foram direcionadas à prática do boxe como seus fundamentos, regras, tática de lutas, questões de problematização como gênero e violência. Elas terminaram no dia seis de novembro do mesmo ano, com o segundo questionário, ou seja, após o módulo de intervenção. Foram um total de onze encontros ou de dezoito aulas com 45 minutos cada, sendo que, em uma segunda-feira, realizamos uma saída de campo, para um centro de treinamento de boxe, onde os estudantes puderam conhecer, ao ambiente de treino, um atleta da modalidade. A visita à academia durou cerca de três horas. O diário de campo era realizado após cada aula, sempre com o auxílio de pequenas filmagens e fotos. Para essa pesquisa, foi utilizado o termo de consentimento e de autorização de imagem da escola, pois os pais dos estudantes, no momento da matrícula já o assinam.

5.5 Tratamento dos dados

Na análise dos dados, foram empregados os procedimentos de análise do conteúdo recomendados por Bardin (2011), bem como as orientações de Gil (2008) para a construção das categorias de análise em pesquisas qualitativas, a saber, a imersão e a procura por temas, a identificação, a conexão e a organização dos temas, a verificação cruzada e a confirmação. De início, as

informações obtidas, nos questionários, foram transcritas para, posteriormente, iniciar o procedimento de análise.

A análise qualitativa foi baseada em três polos cronológicos, sendo eles: a) a pré-análise, b) a exploração do material, e c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011).

Na pré-análise, buscar-se-á tabular as respostas das perguntas em um quadro a fim de organizar e sistematizar as questões com suas devidas respostas, o que proporcionará uma melhor visualização da profundidade dos questionamentos na próxima etapa. Na etapa de exploração do material, objetiva-se categorizar as respostas em palavras-chaves, conduzindo aproximações entre aquelas que são semelhantes, destacando os elementos mais importantes em relação a temática. Por fim, no tratamento dos resultados, será realizada a triangulação dos dados, utilizando-se das respostas dos estudantes, das observações pautadas no diário de campo e da literatura observada.

5.6 Caracterização do cenário: o foco da intervenção

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Beatriz de Souza Brito, que está localizada no Bairro Pantanal, na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Ela teve como ancestral, a escola masculina chamada Sertão do Pantanal que era formada em sua maioria por descendentes açorianos e negros. Somente uma professora lecionava, e a escola ia apenas até a quarta série do Ensino Fundamental. Mais tarde, no lugar dessa escola foi criada a Casa-Escola, para atender os moradores do bairro, que sofriam um período de ascensão decorrente das novas instituições do Bairro Pantanal, a UFSC e a Eletrosul. Com essa grande elevação de moradores, o grupo Beatriz de Souza Brito foi desenvolvido e, em 1986, a Prefeitura Municipal de Florianópolis o transformou em escola. (PPP, 2015).

No ano de 2017, período no qual foi realizada a intervenção, estavam matriculados na instituição, aproximadamente, 511 alunos, desde o primeiro ano até o nono ano do Ensino Fundamental, tanto no período matutino como no vespertino. A escola, atualmente, conta com dez salas de aula, uma sala informatizada, uma biblioteca, quatro espaços socráticos, uma sala multiuso,

um ginásio de esportes, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala de auxiliares de ensino, uma sala de professores, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de planejamento, uma sala de apoio pedagógico, uma cozinha e depósito, um refeitório, um almoxarifado, seis banheiros, um banheiro adaptado e um depósito de material de limpeza. Além de vários equipamentos disponíveis, como aparelhos de som, projetor multimídia, retroprojetor, máquina fotográfica e filmadora. (PPP, 2015).

Nesta perspectiva, a infraestrutura da escola é satisfatória em relação às escolas da rede pública e ao número de estudantes que ela comporta. Porém, a instituição está em um período de reforma, e o ginásio de esportes, que tem total vínculo com a Educação Física, está com a obra interrompida, não podendo ser utilizado para este fim. A Escola Beatriz de Souza Brito promoveu por dez anos o curso de formação “Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas” para que os professores tivessem o devido apoio teórico, sendo esse o paradigma da escola para montar a sua proposta pedagógica.

“Sendo a língua o principal instrumento de ensino e de aprendizagem na escola, a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita não pode estar restrita à disciplina de Língua Portuguesa”. (PPP, 2015, p.15). Nessa instituição, a comunicação é essencial para o desenvolvimento e para a transformação de estudantes em cidadãos, transmutando-se em adultos críticos e reflexivos. Logo, não cabe a uma disciplina apenas a competência de expandir a linguagem, seja ela escrita, oral ou corporal, e sim a toda a escola e suas áreas, visando a uma abordagem interdisciplinar.

5. 7 Delineando o módulo de aulas: o boxe na realidade escolar

A partir do propósito da intervenção prática, a temática do boxe foi desenvolvida em um módulo de aulas, composto por temáticas centrais que, por sua vez, foram compostas pelas aulas em si (Tabela 1). A primeira temática abordada no módulo buscou apresentar e discutir as estratégias de ensino para introdução da prática do boxe, bem como as expectativas dos alunos em relação ao boxe e como contextualizar essa proposta às aulas de EF escolar. A segunda temática versou para as dimensões iniciais de adaptação da prática

do boxe e das lutas. Nesta etapa, que se estendeu num total de três aulas, os alunos foram estimulados a identificar as principais dificuldades e a estimular a consciência corporal. Na terceira temática, a finalidade principal respeitou uma dimensão de adaptações com o esporte propriamente dito, o boxe. Neste momento, buscou-se trazer elementos deste esporte como as regras, documentário, trazendo a vida de atletas bem como realizou-se uma saída de campo em uma academia de boxe, com o intuito de fornecer uma dimensão da importância para os alunos dos processos da luta e do boxe. A quarta e última temática abordou a dimensão conceitual e prática de uma modalidade Olímpica: Boxe, na qual abordou-se as perspectivas históricas, conceituais, equipamentos e regras. Em relação aos objetivos de aprendizagem estes foram baseados na Matriz Curricular de Ensino da rede Municipal de Florianópolis, visto que a escola selecionada para a pesquisa pertence ao Município de Florianópolis.

Tabela 1: Módulo de ensino das aulas no Estágio Curricular Supervisionado

Temática central	Objetivos de aprendizagem	Estratégias e recursos utilizados	Tempo destinado
Estratégias de ensino para introdução da prática do boxe	Identificação e enfrentamento de situações de preconceito, discriminação ou exclusão existentes durante a prática dos jogos de lutas e do boxe e lutas e na proposição de alternativas para sua superação; Reconhecer e respeitar seus colegas como oponentes no contexto da luta; Reconhecer, verbalizar e problematizar sentimentos, sensações, limites e possibilidades pessoais e contextuais vivenciadas; Identificar diferenças entre luta e briga; Diferenciar as lutas das demais práticas corporais da cultura corporal de movimento; Reconhecer o boxe como sendo uma prática	- Apresentação geral aos estudantes sobre as lutas e o boxe; - Apresentação de eslaides (base histórica, conceitos, finalidades, evolução do boxe como um esporte de contato); - Exposição das regras do boxe; - Exposição com auxílio de vídeos sobre o boxe e as lutas; - Questionamentos aos alunos sobre a base conceitual das lutas e do boxe.	55 minutos (1 h/a)

	presente na Educação Física;		
Dimensões iniciais de adaptação da prática do boxe e das lutas.	<p>Identificar as principais dificuldades envolvendo a prática;</p> <p>Estimular a consciência corporal, sensorial e cognitiva sobre o boxe;</p> <p>Identificar as dificuldades e limites da prática;</p> <p>Diferenciar o boxe e as lutas da violência;</p> <p>Construir equipamentos para a prática;</p> <p>Praticar o boxe e as lutas através de equipamentos próprios para a prática;</p>	<p>- Criação de diversas adaptações/limites para os alunos vivenciarem de maneira individual a prática;</p> <p>- Utilização dos equipamentos do boxe (luvas, capacete, atadura);</p> <p>- Reconhecimento, verbalização e problematização dos sentimentos, sensações, limites e possibilidades pessoais e contextuais vivenciadas através das lutas;</p> <p>- Diferenciação as lutas das demais práticas corporais da cultura corporal de movimento;</p>	165 minutos (3 h/a)
Dimensões adaptativas com o esporte	<p>Identificar conceitos e características da prática das lutas e do boxe;</p> <p>Apresentar materiais adaptativos para a prática de modalidades das lutas e do boxe;</p>	<p>- Apresentação das modalidades e suas regras;</p> <p>- Vivência prática a partir de blocos de atividades para cada etapa de aprendizado do boxe (simples para o complexo)</p> <p>- Base e deslocamento (Exemplos):</p> <p>- Cada um dos estudantes receberá dois pedaços de TNT, dividiremos os alunos em grupos de quatro. Faremos um quadrado no chão com giz, e um deverá tirar o TNT do outro. Após a compreensão do mecanismo do jogo, os grupos de quatro pessoas serão divididos, formando duplas, e esses disputarão entre si;</p> <p>- Fitas serão coladas no chão para que os alunos compreendam a base do boxe, e será exposto como deve ocorrer o deslocamento, tanto para frente, trás, esquerda direita e diagonais;</p> <p>- Utilizaremos de bolas de basquete e de bolas de tênis para o desenvolvimento dessa atividade, os estudantes terão que manter a base e se deslocar com a bola de basquete e com a de tênis. A turma será dividida em dois grandes grupos. Quando os alunos compreenderem a atividade irá formar duplas e eles terão que tirar a bola um do outro, mas ainda assim quicando a sua.</p>	220 minutos (4 h/a)

- Jab (exemplos):

- Duas fileiras serão feitas uma de frente para a outra; a fileira A colocará as luvas, e a fileira B somente segurará o golpe com as mãos estendidas. Os comandos serão aplicados do mais simples para o mais complexo. Em seguida, serão trocadas as fileiras, para que todos façam os movimentos;

- “Toque no ombro”, a atividade consiste em tocar e não ser tocado, porém nesse momento utilizaremos apenas a mão da frente.

- Direto (exemplos):

“Toque no ombro”, a atividade consiste em tocar e não ser tocado, porém nesse momento utilizaremos apenas a mão de trás.

Utilização bolas de basquete ou de vôlei um aluno arremessará ela em direção ao outro porém, os estudantes terão de ficar na base do boxe para desferir a bola um no outro.

- Esquivas, bloqueio e desvios (exemplos): Cada dois alunos seguraram cordas para que os outros estudantes passem por elas utilizando a esquiva tanto do lado esquerdo como direito.

- Em duplas, sentados um de frente para o outro e cruzando as pernas, utilizando luvas e colchonetes os alunos irão desferir golpes contidos um no outro, utilizando o bloqueio com os braços e os desvios.

- Vivência do esporte em um centro de treinamento de boxe;

<p>Dimensão conceitual e prática de uma modalidade Olímpica: Boxe</p>	<p>Identificar a base conceitual do boxe (origem, história, regras, como jogar/lutar); Apresentar os equipamentos originais da modalidade; Vivenciar prática da modalidade com materiais adaptados e uma visita de campo a uma academia de boxe.</p>	<p>- Apresentação da história, regras e da luta a partir de eslaides e vídeos complementares dos movimentos técnicos específicos; - Adaptação dos espaços físicos da escola para a prática do boxe; - Prática da modalidade nos moldes originais; - Pesquisa dos alunos, sobre jogos de oposição, sobre a história do esporte, sobre a diferença entre o boxe das olimpíadas e o boxe profissional; - Discussão sobre boxe, lutas e a violência;</p>	<p>110 minutos (2h/a)</p>
---	--	--	---------------------------

6. DISCUSSÃO

6.1 Lutas na Educação Física Escolar

As lutas na Educação Física Escolar colaboram para que o estudante tenha um completo arsenal de movimentos corporais, auxiliando assim em seu desenvolvimento integral. (ANDRADE NETO, 2016). Nesta perspectiva, os alunos foram questionados. A primeira pergunta foi sobre qual era o entendimento deles sobre o conteúdo lutas na Educação Física Escolar. De modo geral, todos os estudantes que responderam ao questionário não conseguiram expressar de maneira concreta a sua compreensão sobre a temática, relatando, por exemplo, dizeres como os do sujeito sete, *“Não entendo muito de lutas na Educação Física”*; do sujeito dois, *“Não sei nada”*; ou mesmo do sujeito 31 que destacou: *“Entendo que deve ser legal”*. Tais respostas demarcam uma lacuna em suas vidas estudantis no que se refere à prática e à vivência das lutas, visto que os alunos pertencem ao nono ano do Ensino Fundamental de uma Escola da rede Municipal de Florianópolis.

De acordo com Andrade Neto (2016), a prática das lutas deve servir como instrumento de auxílio pedagógico nas aulas de Educação Física, essencialmente pelo fato de o ato de lutar estar relacionado ao contexto histórico sociocultural da humanidade, pois lutamos para sobreviver desde a pré-história. Logo, o segundo questionamento, apresentado aos estudantes, refere-se à presença do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. Durante toda a trajetória dos 31 estudantes, que responderam ao questionário, apenas seis deles já haviam obtido alguma experiência dessa temática na escola. O sujeito 29 foi um dos seis estudantes, que já haviam experimentado o conteúdo na escola e descreveu a experiência de uma modalidade de lutas, constatando também que as lutas não são frequentes nas aulas: *“É bem raro, mas já tive sim, capoeira, não sei se vale”*. Tal fato se confirma nos dizeres de Ferreira (2006, p. 43), quando revela ser “[...] mais cômodo ao professor ministrar aulas de futebol, de voleibol ou de qualquer outra atividade com bola, do que preparar aulas, envolvendo um tema tão complexo como as lutas”. (p 43).

O resultado da segunda pergunta do questionário exhibe o desleixo dos professores para com esse conteúdo. Muitas vezes, por acreditarem que as

lutas irão exaltar a violência dentro do âmbito escolar. Como constata Andrade Neto (2016), quando questionou professores sobre o ensino de lutas, se ele pode influenciar a violência.

“90% dos professores alegaram que sim, que a prática é extremamente nociva e complicada de se ministrar neste ciclo de ensino. Há um desafio para os professores de Educação Física quanto ao desenvolvimento de sua prática, evidenciando que as lutas sempre foram vistas como atividade que remete a violência, e há restrição em introduzi-las no contexto escolar.” (p 92)

Portanto, nesta perspectiva, a terceira pergunta, direcionada aos estudantes, procurava saber qual o entendimento deles sobre a relação das lutas com a violência. Nessa questão, os estudantes divergiram nas respostas, tanto positivamente quanto de forma negativa. O sujeito 26 constata que a *“luta não é uma forma de violência, e sim um esporte.”* O sujeito um relata que *“vai da intenção de cada um. Em minha opinião não vejo mal algum.”* Em contrapartida o sujeito quinze responde da seguinte maneira: *“Isso varia com as pessoas. Para mim luta não é uma coisa ruim, mas se a pessoa usá-la de forma errada, passa a ser algo mau.”*

Um total de 22 estudantes não reconhecem as lutas como uma forma de violência. Logo, o questionário demonstra que esse conteúdo, para os estudantes, é um tema polêmico, porém se abordado de maneira clara e dinâmica, somente iria enriquecer a cultura corporal dos discentes.

Ferreira (2006, p. 41) afirma que “é inquestionável o poder de fascinação que as lutas provocam nos alunos. Atualmente, constata-se que o tema está em moda, seja em desenhos animados, em filmes ou em academias.” O quarto questionamento, dirigido aos educandos, antes da intervenção, pretendia avaliar como eles receberiam as lutas e o boxe, dentro das aulas de Educação Física. O sujeito 21 descreve seu desgosto pelas aulas da seguinte forma: *“Não! Porque não gosto de Educação Física.”* O sujeito dezoito escreveu uma resposta curiosa: *“Colocar a luta na Educação Física seria legal, mas com essa turma não daria certo.”*, manifestação semelhante à de outros três estudantes (Sujeito um, Sujeito oito e Sujeito trinta) que abordaram a turma dessa mesma maneira. O restante dos 27 alunos declararam respostas parecidas com as do sujeito dezesseis: *“Acho legal, pois acho algo diferente do comum.”*

Com as respostas dos alunos, percebe-se que eles estimam a luta nas aulas de Educação Física, alguns por acreditarem ser um conteúdo inovador, outros por apreciarem a prática, porém a intervenção realizada concorda com Chianca et al. (2016, p. 74):

A escola não é o lugar para formar alunos lutadores, mas sim para oportunizar a vivência dessa prática, a fim de que, como cidadãos, saibam lidar em situações de combate corporal e formação crítica, construindo opiniões em relação a essas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas.

Neste cenário, proporcionar aos estudantes a prática das lutas e, principalmente, do boxe nas escolas, reconhecendo que não foram oferecidas, anteriormente, é o principal objetivo, visto que os alunos estão concluindo um ciclo, saindo do Ensino Fundamental. Contudo, o vago conhecimento que os eles apresentam sobre as lutas ainda se manifestam como um empecilho vigente na realidade da Educação Física Escolar. Entretanto, há o estímulo para a mudança, relatado pelos próprios estudantes, vislumbrando as lutas como uma perspectiva diferente daquela, demasiadamente, refletida em suas aulas, o que demonstra um possível anseio e gosto pela prática das lutas na Educação Física.

6.2 Boxe nas aulas de Educação Física

6.2.1 A prática

Jab, direto, gancho e cruzado são os golpes do boxe, acrescidos da movimentação de pernas, esquivas, desvios e bloqueio. (MARIANTE NETO,2010). As intervenções, realizadas com a turma, partiram deste princípio, sendo que a cada aula procurou-se desenvolver com os estudantes uma temática do boxe pela qual se buscasse a cultura corporal de movimento e não o direcionando apenas à técnica. Os objetivos específicos das aulas estão de acordo com a Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Florianópolis, portanto as aulas foram baseadas nesses propósitos. Entretanto para que estes objetivos fossem conquistados, as intervenções iniciaram com jogos desportivos de luta, ou combate.

“A primeira aula prática, teve como propósito, desenvolver atividades que buscassem a compreensão da movimentação e da base do boxe, acrescentando, ainda, o confronto direto entre dois alunos. “Pega-lenço” foi a primeira atividade proposta aos educandos. Eles tinham dois coletes segurados pelas suas calças, e deveriam tentar “roubar” os do colega e não se deixarem roubar. Primeiramente, foram feitos grupos (de quatro ou seis), para adaptação da atividade e quando os estudantes entenderam como era a dinâmica dela, dividimo-los em duplas. Quando ocorreu o “combate” entre as duplas, alguns alunos demonstraram receio, em tentar retirar o colete de seu colega, entretanto, no decorrer da atividade, eles já haviam entendido o jogo e conseguiram “atacar e defender” ao mesmo tempo.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 2).

De acordo com Gomes (2008), as lutas são atividades diferentes das outras modalidades, por possibilitarem a ação simultânea de ataque e defesa, por vezes até “fundidas”, pois é difícil conseguir visualizar quando os lutadores estão realizando uma ação ofensiva ou defensiva. Em algumas lutas, o atleta pode atacar com golpes desferidos pelas mãos e defender-se com as pernas. Portanto, essa primeira intervenção procurou trazer a vivência do confronto, entre os estudantes, que não estavam habituados a realizá-la. “O ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência” (FERREIRA, 2006, p. 37).

Durante a primeira aula, o sujeito treze relatou a seguinte frase: *“Professora, isso cansa muito, mas é legal.”* O aluno sorriu e continuou tentando capturar o colete de seu colega. O dizer deste aluno evoca o que Ferreira (2006) afirma que tanto crianças como adolescentes sentem-se atraídos pelas lutas, pois desde pequenos assistem aos desenhos, a filmes que contêm a temática e se matriculam em academias para aprender as mais

variadas formas de combate ou artes marciais. Logo, tratar desse conteúdo nas escolas iria envolver e agregar, cada vez mais, os estudantes para as aulas de Educação Física, pois segundo Darido (2004, p. 77), “há de fato, um progressivo afastamento dos alunos da Educação Física na escola”.

“Antes de implementar o boxe nas aula, procurei desenvolver com os estudantes, os jogos de oposição, para eles se acostumarem com a disputa individual, então foi realizada, primeiramente, uma aula na sala informatizada⁵ para que eles, em grupo, pudessem pesquisar sobre os jogos de oposição. Muitas atividades foram apresentadas pelos alunos, então optei por trazê-las na aula seguinte.”

“Atividades como : “Mini-sumô, “quero-sair”, “a bola é minha”, “pé-com-pé”, “pega-balão”, “ agarra-a-garrafa” foram realizadas pelos discentes. Em todas as atividades, havia um confronto entre eles, entretanto nessa aula, os estudantes já estavam mais habituados com essa situação e conseguiram vivenciar, em um curto espaço de tempo, todas as atividades.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 4)

Os jogos de combate ou de oposição possuem uma relação com a luta, no entanto de forma lúdica e pedagógica, logo não há um contato agressivo entre os participantes, privilegiando, então, a vivência das lutas e priorizado o equilíbrio, a força e a flexibilidade (JUNIOR E SANTOS, 2010 apud CONCEIÇÃO 2016). Os jogos de oposição, por apresentarem um formato de diversão e de brincadeiras, não tendo muitas regras, foram excelentes para a adaptação do boxe, instigando ainda a movimentação de pernas e a base do boxe em muitas das atividades.

Como ressalta Mariante Neto (2010, p. 71) “o boxe não pertence ao universo esportivo da maioria das pessoas, cabendo a ele reproduções oriundas dos meios de comunicação.” Logo, trazer a vivência do boxe para a

⁵ A sala informatizada da escola é uma extensão da sala de aula. Ela pode ser visualizada no Blog da escola. Acesso: <http://escolabeatrizdesouzabrito.blogspot.com.br/p/sala-informatizada.html>

escola, surpreendeu alguns estudantes de maneira errônea, pois acreditavam que um iria “bater no outro”. Isso demonstra o que os meios de comunicação transmitem para os seus telespectadores sobre o boxe, destacando uma maneira equivocada de vislumbrar esta prática esportiva, sendo necessário, primeiramente, desmitificar esse modo de interpretação falso do esporte, das lutas e do boxe.

“Os estudantes estavam ansiosos para colocarem as luvas e assim que as calçaram, os sujeitos três e dezenove começaram a desferir golpes um contra o outro (pedi para que parassem), os dois se dirigiram para o centro da quadra de esportes, ainda brincando um com o outro, entretanto com força mais controlada. Expliquei para os estudantes que a base (a posição dos pés) é a principal forma de equilíbrio no boxe, portanto, mesmo deslocando, o espaço entre os pés, deveria seguir o mesmo. As luvas, estavam chamando muito a atenção dos estudantes, então preferi não centralizar a aula na base e inserir os primeiros golpes: o jab e o direto. Demonstrei para os alunos a forma de desferi-los, para que, em duplas, eles pudessem vivenciar o movimento da luta, enquanto um estudante golpeava o outro segurava o golpe com as luvas. Eu havia preparado mais atividades, para esse dia, no entanto, os estudantes se envolveram tanto nesta que o tempo passou rapidamente”. (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 3)

O distanciamento dos alunos do nono ano em relação ao boxe, ou às lutas nas aulas de Educação Física, como foi constatado no questionário, fez com que eles ficassem envolvidos nas atividades. Gomes (2008, p. 57) afirma que “a imprevisibilidade está condicionada à existência de outro princípio: o oponente. Portanto, atividades que disponham de oponentes vão solicitar do aluno a tomada de decisões e resolução dos problemas daquele momento”. Nesta perspectiva, as atividades das aulas necessitavam de maior atenção, por terem um elemento anormal durante a aula, o adversário direto, sendo esta

uma parte simples das lutas, no entanto, os estudantes não estavam acostumados com a prática do combate.

Diante deste cenário, o repertório de movimentos corporais dos estudantes do nono ano da Escola Municipal Beatriz de Souza Brito foi ampliado e diversificado com a implementação das lutas, pois como podemos perceber no primeiro questionário apenas seis alunos haviam praticado as lutas na Educação Física escolar. Em outras palavras, como afirmam Rufino e Darido (2011, p. 11), as lutas têm por objetivo superar, fisicamente, um determinado adversário e para isso são necessários alguns princípios que se diferem de acordo com cada prática, sendo estas práticas individuais na grande maioria das vezes, o que, por sua vez, requer uma imposição física de seus competidores, bem como um repertório mais amplo de habilidades.

“O toque no ombro, foi o “jogo” que mais chamou a atenção dos estudantes, pois foi uma prática adaptada da luta de boxe, os alunos deveriam golpear somente os ombros dos seus adversários, utilizando as luvas de boxe, eles deveriam tocar no ombro do seu colega e não deixar ser tocado (esta é uma regra básica do boxe). O combate era evidente entre os alunos e eles estavam alvoroçados para que seus nomes fossem chamados, e um pudesse competir com o outro. Quando a aula estava terminando, muitos estudantes pediram para realizar novamente a atividade.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 9)

Gomes (2008) constata que a tática e a técnica andam juntas, pois para o aprendiz conseguir realizar uma boa estratégia de luta, ele deve saber a técnica, para que as duas, fundidas, alcancem o êxito. O boxe, proporcionado para os estudantes, não se restringia à técnica, todavia, em todas as aulas, procurei lembrá-los de o que já havíamos trabalhado, para que quando o combate fosse de fato realizado, os estudantes não precisassem se concentrar na técnica e, sim, na resolução do problema que consistia em tocar e não ser tocado.

Decididamente, toda vez que se acredita ter dominado um gesto, percebe-se que não foi nada disso o que aconteceu, que é tudo mais complicado. Eu achava que sabia como esquivar a cabeça e bloquear os jabs, mas nada disso. Não é tanto a cabeça que se desloca, mas a mão, que segura o punho do adversário, vindo interromper sua trajetória; a cabeça, ela só faz é girar no eixo por trás do ninho protetor formado pelo punho. Anthony interrompe-me, durante a tentativa seguinte, para me mostrar como agarrar seu punho. É vergonhoso ter de ouvir novamente a explicação desse movimento aparentemente tão simples, mas que, na verdade, não tem nada de simples. (WACQUANT, 2002, p 143).

Loic Wacquant, em sua etnografia, demonstra o quão difícil é aprender a se defender no boxe, muitos acreditam que o boxe é um esporte ofensivo, todavia quem ganha a luta é o boxista que mais sabe se defender e não o que mais golpeia ou ataca. Portanto, transmitir a vivência corporal desse componente do boxe é imprescindível para compreender o esporte.

“Esquivar, bloquear ou desviar os golpes, foram um grande obstáculo para os alunos, por serem atividades mais complexas e por requererem a dedicação deles. Foram utilizados cordas, para que sozinhos, eles pudessem realizar esses movimentos e mais tarde, duplas para que a atividade fosse dinâmica. Porém, somente em duas aulas, não foi possível a compreensão do movimento.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 6)

O curto tempo de que a intervenção do estágio dispõe, não auxiliou na aprendizagem do esporte, principalmente nos movimentos de defesa. Estes exigem uma demanda maior de aulas, como podemos verificar nesta pesquisa. Pois, mesmo a modalidade, tendo apenas quatro golpes, é preciso dominar, igualmente, uma forma variada de esquivas e de movimentação de pernas. Normalmente, quando pensamos em boxe, acreditamos que se trata de um esporte que utiliza somente os membros superiores, no entanto, as formas de defesa e a movimentação de pernas, exigem do praticante uma maior atenção e resistência aos membros inferiores. Como é afirmado por Wacquant (2002) o melhor boxista, sabe utilizar seu jogo de pernas e suas mais variadas formas de se defender, enquanto um boxeador mais novato estará mais preocupado em aplicar os golpes.

*“Verbalizei para os alunos que o jab e o direto eram golpes longos; O cruzado e o gancho, golpes curtos, e para que eles compreendessem esses últimos, foram vivenciados, sentados em colchonetes e tatames. Os estudantes sentaram-se , entrelaçaram suas pernas e enquanto um desferia, os golpes o outro estudante os bloqueava.”
(DIÁRIO DE CAMPO - AULA 7)*

Segundo Mariante Neto (2010) existem dois “golpes curtos”: o cruzado e o gancho que são denominados dessa maneira, por serem utilizados quando o adversário está muito próximo, ou seja, a uma curta distância, esse são golpes mais ofensivos. Para que os estudantes não se afastasse um dos outros, foi necessário colocá-los sentados, pois eles ir-se-iam limitar apenas a bloquear os golpes e a desferir os golpes curtos, pois os longos empurrariam os seus colegas, dessa maneira a aprendizagem do movimento foi facilitada. Visto que os estudantes, no momento da luta, como foi observado nas intervenções, procuravam desferir um golpe e se afastar, pois não estavam habituados a atacar, posto que as lutas não faziam parte de suas vidas escolares, como podemos constatar no questionário.

*“A arbitragem e as principais regras do boxe foram trabalhadas com os estudantes através de uma pesquisa realizada na sala informatizada da escola. Foram dados temas (categorias de peso e idade; golpes legais e ilegais; que os e árbitros, juízes fazem, e como é realizada a pontuação;) e eles escolheram seus grupos e o conteúdo.”
(DIÁRIO DE CAMPO - AULA 8)*

O boxe, como qualquer outro esporte, possui sua entidade maior, a qual rege a modalidade, para que seja padronizada a AIBA:

“Regras Técnicas da AIBA aplicáveis a AOB, WSB e APB são as únicas Regras Técnicas a nível mundial que as Federações Nacionais

Membros de AIBA, membros do boxe, clubes e família do boxe devem seguir e respeitar em todas suas competições, em concordância a atividades em todos os níveis. Nenhuma Federação Nacional pode desenvolver suas próprias Regras Técnicas que sejam contraditórias as Regras Técnicas da AIBA.” (AIBA Regras Técnicas, 2017, p. 3)

Essas regras são modificadas constantemente, como, por exemplo, quando foi retirado o capacete do boxe masculino adulto em 2012 ou o número de “rounds” femininos alterados de quatro, para três, como no masculino, no ano de 2017. Esses exemplos foram encontrados pelos estudantes em sua pesquisa, no entanto o sujeito trinta relatou *“Eu vi boxe no ufc e os rounds eram maiores.”* Logo, foi explicado para os alunos que o boxe possuía duas vertentes: o boxe profissional e o open boxe, ou mais conhecido como boxe olímpico. Portanto, o boxe que o estudante relatou se referia ao boxe profissional que foi transmitido no canal combate (transmissora que o estudante relacionou com o Ultimate Fighting Championship UFC⁶) Segundo Loic Wacquant (2002, p.71) "o boxe profissional não é de brincadeira, é para te mandar pro espaço [...] você virar profissional é jogo [...] Entre os amadores, você se diverte. “

“O documentário T-REX da Netflix, que conta a história de uma mulher, negra, de classe social baixa , foi o escolhido para que os estudantes compreendessem como é a vida de uma atleta Olímpica de boxe, como os treinos são realizados e quais os equipamentos são mais utilizados. O documentário também apresenta a dificuldade das mulheres em conseguir patrocínios para esportes masculinizados.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 11)

O Sujeito 29 fez a seguinte afirmação *“Até o treinador dela, falou que não gostava de treinar mulher.”*; quando questionamos os estudantes sobre as principais dificuldades que Claressa Chiolds encontrou, na sua trajetória, até se tornar campeã Olímpica. Segundo Mariante Neto, et al (2010) vivemos em uma

⁶ **UFC** é uma organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos, combates, dessa luta. Acesso em: <http://www.ufc.com.br/>

sociedade onde ocorre o pré-julgamento das mulheres que praticam atividades físicas masculinizadas como o boxe, o skate e o futebol. Mesmo com um grande acréscimo das mulheres nessas modalidades praticadas, majoritariamente, pelos homens.

O documentário transmitido para os estudantes tinha a intenção de mostrar as dificuldades encontradas pelas mulheres, seja no esporte ou em sua vida pessoal. No entanto, a maioria dos estudantes acreditam que os maiores obstáculos encontrados pelas protagonista eram por ela ser negra e de classe social baixa *“Ela não conseguia patrocínio por ser negra e pobre.”* (Sujeito 3) Logo a finalidade do documentário não foi de fato atendida, pois era generalizar a mulher e não diferenciá-la através da raça, classe social ou idade. Loic Wacquant em sua etnografia apresenta um boxe, onde somente o gênero masculino é bem vindo ao “salão de boxe” (modo como ele denomina a academia de boxe) ou nas lutas. Como pode ser constatado em seu livro “ O boxe é para os homens, sobre os homens, ele é os homens. Homens que lutam com homens para determinar seu valor, isto é, sua masculinidade, excluindo as mulheres” (p.69). Para Isabela Lisboa Barté (2016) em seu estudo “MULHERES NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)” ela afirma que “é preciso vislumbrar o Boxe como uma prática que se localiza historicamente e que varia conforme os diferentes contextos sociais.”

Portanto no gueto norte americano da década de 80 e 90, onde Loic Wacquant realizou a sua etnografia, as mulheres não eram bem quistas, no entanto o esporte, possui inúmeras mulheres campeãs mundiais, como é o caso de *Laila Ali*, filha do grande *Muhammad Ali*, ela começou a lutar boxe nos anos 90, e teve em seu cartel vinte e quatro lutas e vinte e quatro vitórias⁷. Logo o boxe não possui distinção de gênero, classe social ou idade, ele é um esporte com inúmeras finalidades, seja competição, preparo físico, autodefesa e também pode ser uma prática escolar.

“A academia de boxe Dadá Boxe Tean, foi o palco da décima segunda aula. Fomos para o centro de treinamento

⁷ Cartel da lutadora Laila Ali Acesso:<http://boxrec.com/en/boxer/14260>

às 8h30min da manhã, chegando lá realizamos, primeiramente, o reconhecimento do espaço, depois dos aparelhos de treino (espelhos, saco solto e preso, teto-solo, pera, pesos, manoplas, luvas, cordas entre outros), expliquei para que servia cada um deles, todos experimentaram um por um cada equipamento, os sujeitos 28 e três ficaram fascinados pelo teto-solo, o sujeito três verbalizou “é muito rápido professora” enquanto o sujeito 28 tentava acertá-lo.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 12)

Conforme Wacquant (2002, p. 51) descreve o teto-solo da seguinte forma “bola presa ao chão e ao teto por elásticos, sobre a qual se aplicam jabs.” e Mariante Neto (2010, p 52) ainda coloca que “serve para treinar velocidade dos socos e esquivas, assim como variações de golpes e sequências.” Esse equipamento não é comum nas escolas, ou em academias, é um equipamento específico do boxe então os estudantes não estavam habituados a ele e a sua velocidade quando golpeados. Outros equipamentos como a pera que conforme Mariante Neto (2010, p.51) “o aparelho tem a forma de uma ‘gota’ e é revestido de couro”. É presa a uma estrutura de ferro, fixada na parede, na qual ela bate e volta conforme a batida das mãos do aluno.

De acordo com Wacquant (2002, p. 51) acrescenta que “serve para trabalhar o tempo e a coordenação entre olho e mão.” E o saco de pancada, que mesmo sendo um equipamento mais comum foram os atrativos da academia. Esses aparelhos próprios do esporte, auxiliaram os estudantes a assimilar os golpes, a movimentação de pernas e a defesa, na qual foram trabalhadas, somente em duplas na escola, sendo esse o processo contrário, pois quando o boxe é apreendido em centros próprios do esporte, primeiramente, passamos por todos os equipamentos, para que o aprendiz consiga, de fato, ater-se, exclusivamente, em seus movimentos e somente, depois, utilizamos duplas. Mesmo com o processo sendo contrário na escola, pela falta de aparelhos, o objetivo de que os estudantes compreendessem os movimentos da modalidade foi atingido.

“Os estudantes, na academia, tiveram a oportunidade de realizarem pequenas “lutas”, com duração de apenas um minuto. Colocamos capacetes e luvas oficiais de luta, e em torno de dez estudantes subiram no ringue. Primeiramente, estavam acuados, porém, quando chamei a primeira dupla ao centro do ringue e juntos discutimos como eles deveriam se portar na “luta” e quais golpes poderiam ser efetuados, os estudantes se mostraram mais calmos e assim começaram o combate. (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 12)

Nervosismo e adrenalina foram as palavras mais manifestadas pelos estudantes, quando perguntados qual era a sensação que tiveram em cima do ringue. Eles procuravam utilizar os golpes que haviam aprendidos nas aulas anteriores, mas como o movimento ainda não estava de fato automatizado, eles não conseguiam atacar e se defender, faziam um ou outro. “Uma vez no ringue, é o corpo que compreende e aprende, que faz a triagem da informação e armazena-a, que encontra a resposta certa no repertório de ações e de reações possíveis.” (WACQUANT 2002, p. 119) No entanto, os alunos não tinham um repertório amplo dos movimentos do boxe ou de alguma luta impregnados em si e, em cima do ringue, em um primeiro momento, eles pareceram esquecer a técnica, que tanto foi trabalhada nas aulas e lutaram de uma forma mais bruta, porém respeitando as regras do boxe, e as preestabelecidas para aquele combate. *“A maioria dos estudantes voltaram a competir e, quando foram pela segunda vez, estavam mais calmos e procuraram ouvir as minhas instruções em cima do ringue.” (DIÁRIO DE CAMPO - AULA 12)*

Como pode ser constatado, nesta última intervenção, mesmo tendo praticado com os estudantes os jogos de combate nas aulas, eles não estavam habituados com a prática das lutas, sendo assim, havia uma lacuna em seu repertório de movimentos corporais, no entanto, após uma primeira tentativa, eles conseguiram abafar as primeiras sensações de nervosismo e realizar a atividade. Ainda podemos ressaltar que de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014): “Educação Física sendo um componente curricular,

entende-se que se prejudica seriamente a formação humana quando se impede aos estudantes acesso a conhecimentos sobre práticas da cultura corporal de movimento, relegando-os a um papel de espectadores”. (p.106).

Logo a prática do boxe nas aulas de Educação Física, foram de total importância, pois segundo a Secretaria de Educação da rede Municipal de Florianópolis (2016), no nono ano do Ensino Fundamental, as lutas ou os jogos de combate seriam conteúdos já visualizados pelos alunos anteriormente e, no nono ano, essas temáticas seriam somente retomada, ou seja “mobilizar conceitos/experiências corporais já formalizados e consolidados.” (FLORIANÓPOLIS,2016 p.32).

Ao final de doze aulas, sendo elas práticas e teóricas, podemos constatar que os estudantes do nono ano da Escola Beatriz de Souza Brito compreenderam melhor o desenvolvimento das lutas e do boxe, conseguindo assim progredir em relação a aspectos como a formulação de estratégias de jogo e luta, a solução de problemas, diferenciar a luta de briga, além de conhecer os movimentos do esporte.

6.3 A percepção dos estudantes sobre o boxe

No último dia de intervenção, os estudantes presentes, responderam a cinco perguntas a respeito das suas doze últimas aulas de Educação Física. Foi questionado se, na opinião deles, o boxe poderia ser desenvolvido nas aulas de Educação Física. Todas as respostas foram afirmativas, o sujeito oito, uma aluna na qual fomos “ganhando” no decorrer das intervenções, e que no primeiro questionário escreveu não ser apropriada na turma dela a inserção das lutas, redigiu, dessa vez, a seguinte frase “*Sim, acho uma ideia muito legal e interessante.*” A Educação Física escolar deve ser um espaço relevante para que os sujeitos, ao longo do percurso formativo, reflitam criticamente sobre as diferentes possibilidades de práticas de lazer e de recreação ofertadas no mundo contemporâneo. (SANTA CATARINA 2014, p.105) Portanto, nesse primeiro questionamento, obtivemos uma resposta positiva em relação à intervenção realizada com a turma, pois a estudante modificou seu pensamento após as aulas.

Na opinião dos estudantes, a prática do boxe foi vantajosa, no entanto cada um escreveu o que considerou de maior benefício, os exemplos foram variados como: *“Defesa pessoal.”*; *“Reflexo e noção de tempo.”*; *“Nos ajuda no condicionamento físico.”*; *“Aprender a se defender e não engordar.”*; *“Equilíbrio, flexibilidade.”*; (Sujeitos 11, 4, 2, 14 e 30) No entanto, o que despertou interesse, foi o fato de seis alunos dos dezessete, que responderam ao último questionário, afirmarem que com o boxe podiam aprender uma forma de autodefesa, mesmo essa temática nunca sendo citada em aula. Logo a afirmação dos estudantes corrobora com o estudo de Flávio Mariante Neto (2010) onde muitas das praticantes de boxe entrevistadas citaram que praticam a modalidade para fins estéticos, porém gostam de aprender a técnica, caso seja necessário utilizá-la para defender-se. O sujeito três colocou a seguinte afirmação *“Sim, melhora nossa coordenação motora, deixa a gente mais confiante e seguro de si.”* Fortalecendo essa afirmação, citada pela estudante Trusz e Nunes (2007) constatam que *“Além de sua utilidade para a defesa pessoal, as lutas podem oferecer extraordinárias oportunidades aos praticantes, pois proporcionam que sejam superadas as próprias limitações do ser humano”*.

Após a intervenção, quando questionados, todos os estudantes, afirmaram não possuir nenhum receio em relação às lutas na Educação Física escolar e sobre a continuidade das aulas sobre o boxe, todos declararam acreditar ser importante e, mais uma vez, manifestaram o favorecimento do esporte para a autodefesa, por exemplo como o sujeito dezesseis afirmou: *“Sim pois ensinaram um meio de autodefesa.”*; No entanto, corroborando com Ferreira (2006), o propósito das lutas e do boxe tem o *“objetivo de proporcionar diversidade cultural e amplitude das atividades corporais.* (FERREIRA, 2006, p 5).

Sobre as estratégias de ensino se foram positivas ou negativas, na opinião dos estudantes, houve um equívoco na interpretação do que lhes foi indagado, pois as respostas não condiziam com o modo de ensino proposto e sim com o comportamento das estagiárias durante as aulas, como por exemplo o sujeito sete que afirma: *“Sim foram positivas , pois as professoras foram pacientes e conseguiram nos ensinar o básico do boxe.”* ou o Sujeito dois *“Eu gostei das últimas aulas e gostei das professoras, por isso tenho mais interesse*

de aprender o boxe.” Logo se percebe que a compreensão da questão não teve, seu objetivo, de fato alcançado, no entanto, acredito que as estratégias tenham alcançado o interesse dos estudantes para com o esporte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo relatar uma experiência de ensino, na Educação Física escolar através da modalidade boxe na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. O estudo buscou, de alguma forma, propor estratégias de ensino para o esporte e para a inserção deste na escola, visto que esta temática, como podemos verificar, através dos questionários e do diário de campo, além de toda a literatura, que esse tema não é simples das aulas de Educação Física. Logo, é de suma importância, a continuidade de pesquisas nessa área.

As lutas na Educação Física escolar é um assunto nebuloso, pois os professores, em sua maioria, não o introduzem em suas aulas, e os motivos para que isso ocorra não são poucos, podendo destacar a ideia errônea das lutas gerarem violência no âmbito escolar, ou os professores não serem capacitados para essas atividades, visto que em suas graduações a temática também não é comum, no entanto, os principais prejudicados, os estudantes não veem as lutas dessa forma, pois, como vimos, nos questionários, eles consideram-na uma forma de defesa pessoal. Logo trazendo para a realidade escolar e partindo do ponto de vista dos estudantes, as lutas inseridas nas escolas auxiliariam os alunos a se defender, e não a atacar, e os professores mesmo não tendo a base de algum esporte, poderão desenvolver essa temática, com simples jogos de oposição.

As lutas, a partir do momento, que vinculadas à realidade escolar dos estudantes, oferece uma cultura corporal de movimento, onde o educando consegue compreender a técnica do esporte, desenvolver estratégias de ataque e de defesa e ainda superar os seus limites perante aquele jogo.

O boxe, incluído na realidade dos estudantes, desencadeia uma série de movimentos corporais, como a base e a movimentação de pernas, que buscam o equilíbrio do corpo, os golpes, onde deve haver a rotação de troco

possibilitando assim, ataques mais rápidos, fortes ou potentes, as esquivas onde a atenção, o reflexo e o movimento automatizados devem ser aprendidos e, principalmente, a tática e a estratégia de luta pois sem estas o boxe e as lutas não existem. Logo, proporcionar atividades individuais, no cenário escolar onde os esportes coletivos são mais generalizados, proporciona aos estudantes um conhecimento exclusivo de si próprio.

As lutas e o boxe na Educação Física da Escola Beatriz de Souza Brito proporcionou a este estudo uma base de como o boxe pode ser desenvolvido, as aulas práticas desmitificaram a relação do esporte com a violência, os estudantes se apropriaram do conteúdo e desde a primeira aula, já conseguiam diferenciar as lutas de uma briga. Analisando os questionários e pelos próprios relatos, mais da metade dos estudantes não acreditavam na semelhança entre o boxe e a violência. Logo, neste quesito, o desenvolvimento das aulas ocorrem de maneira satisfatória.

Os fundamentos do boxe foram verbalizados a cada aula, por ser um esporte, que os estudantes não estão habituados. A base, e a movimentação de perna, foram os primeiros a serem trabalhados, os estudantes conseguiram compreender a teoria, de que as pernas não podem se cruzar, pois se perde o equilíbrio, o mesmo acontece se o joelho não estiver flexionado, porém colocado em prática nem todos conseguiam realizar de maneira aceitável, pois alguns despendiam a sua atenção, somente para os golpes não se atendo na parte inferior do corpo.

Os golpes foram o princípio mais acessível, para os estudantes, a técnica perfeita não era cobrada, no entanto, os estudantes vinham questionar se o movimento estava correto, logo comecei intervir. O jab, e o direto, que foram os golpes mais praticados, logo foram os mais aprendidos. Já o gancho e o cruzado, eles somente conseguiam realizar, quando o exercício era específico para estes golpes.

Os movimentos de defesa, são os mais complicados, pois vão contra ao nosso extinto que é o de correr do ataque, a esquiva do jab por exemplo, temos de flexionar os joelhos e ir ao encontro do cotovelo do lado de onde o golpe está sendo desferido. Logo, para que o movimento consiga ser realizado, precisamos de total atenção e de comprometimento. Como os estudantes, em todas as aulas, ficavam ansiosos para calçarem as luvas, a sua concentração

não estava direcionada para o movimento. Sendo assim, esse fundamento, não foi de fato aprendido e sim apenas vivenciado. Possivelmente se as lutas e os equipamentos destas, fizessem parte do cotidiano escolar, os alunos não ficariam tão alvoroçados em utilizá-las e assim aprenderiam de fato os movimentos de defesa.

Como as lutas e, principalmente, o boxe, foi nomeado por muitos anos, um esporte masculinizado, acreditei ser importante a contextualização do gênero, para que os estudantes compreendessem, que não existe distinção em relação a nenhuma modalidade. Meninas podem sim jogar futebol, como homens podem fazer balé. Essa aula ocorreu através de um documentário, no entanto os estudantes trouxeram para a aula, outras questões, por exemplo a racial e as de classes sociais. Acredito que seja, pelo fato de não ser intrínseco deles essa questão de gênero, pois se adaptaram e respeitaram duas mulheres transmitindo o boxe para eles, além de uma das suas colegas de turma, ser uma ótima jogadora de futebol.

O contexto do esporte e da sua realidade, foram trabalhados, no último dia de intervenção, onde os estudantes puderam conhecer um centro de treinamento de boxe. A academia possuía um arsenal completo de aparelhos para se trabalhar a modalidade e o preparo físico dela, além de possuir um ringue oficial, os estudantes puderam conhecer os equipamentos, aprender como eles funcionam, realizaram o preparo físico, além de subirem ao ringue, foi uma experiência completa, visto que, na escola, os estudantes estavam entendendo somente o movimento corporal do esporte. Acredito que essa experiência tenha sido única e muito produtiva, pois mais da metade os estudantes que foram na saída de campo, subiram ao ringue e ganharam, ganharam de si mesmos, e para mim o boxe é isso, ganhar de si mesmo a todo o momento.

Esta pesquisa destinou-se em buscar uma solução para inserção do boxe nas escolas e como o boxe poderia ser uma modalidade trabalhada na disciplina de Educação Física, pelo exposto e analisado neste trabalho o boxe foi inserido nas aulas de Educação Física em três dimensões a procedimental, a atitudinal e a conceitual, sendo assim, os elementos corporais do esporte foram trabalhados no decorrer da intervenção. No entanto, para que o esporte e para que as lutas, de um modo geral, propaguem-se, os profissionais de

Educação Física devem incluir esse conteúdo em suas aulas, pois como podemos visualizar nesta pesquisa a modalidade tem componentes próprios que não são abordados pela maioria dos esportes.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D. O Judô na Universidade: discutindo questões de gênero e idade. In: GUEDES, O. C. **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 73-91.

ANDRADE NETO, João Batista de. O ENSINO DE LUTAS NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO PIAUÍ. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, Teresinha, v. 4, n. 2, p.85-96, 2016. Semestral.

ARAGÃO, P; MORETTI-PIRES, R. O. Técnicas de coleta de informações: questionários. In: DOS SANTOS, S. G; MORETTI-PIRES, R. O. (Orgs).

Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física.

Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. 236p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **MULHERES NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARRATI, J. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). **Revista Latino-Americana de História**. vol. 1, nº. 3, 2012. Disponível em:

<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/100/78>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C. **Educação Física escolar: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CHAVES, P; SILVA, I; MEDEIROS, R; Lutas na educação física escolar: uma experiência no ensino médio. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 80-91, set. 2014. Disponível em:

<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2011> Acesso em: 19 jul. 2017.

CHIANCA, A; COSTA, L. R; MORGAN, D; CAMARA, H. Lutas na educação física escolar. **Revista Redfoco**. vol. 3, n.1, 2016. Disponível em:

<http://periodicos.uern.br/index.php/redfoco/article/view/1810> Acesso em: 19 jul. 2017.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>

Acesso em: 19 jul. 2017.

CONCEIÇÃO, Allan da Silva. **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO BOXE NO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPORTIVA DO RECÔNCAVO DA BAHIA**. 2016. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade Maria Milza Licenciatura em Educação Física, Governador Mangabeira, 2016.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. Bras. Educ. Físicaesportiva**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.61-80, 2014. Trimestral.

DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25a Edição, revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DRIGO, S. C; RANGEL-BETTI, I. C; RAMOS, G. N. S; GALVÃO, Z; FERREIRA, L. A; MOTA E SILVA, E. V; RODRIGUES, L. H; SANCHES NETO, L; PONTES, G; CUNHA, F. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001. Disponível em:

<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/10/educacao-fisica-e-os-parametros-curriculares-nacionais.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2017.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELOI, J. **As possibilidades metodológicas da aplicação do conteúdo lutas realizadas pelo PIPID: relato de experiência**. (Trabalho de Conclusão de Curso). 2016. Licenciatura em Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. **BOXE: COMO ELAS FAZEM?** Florianópolis: Fazendo Gênero 9, 2010. 8 p.

FERREIRA, H. S. As lutas na Educação Física Escolar. **Revista de educação física**, n. 135, 2006, p. 36 -44. Disponível em:

<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/2006.3/aslutas.pdf> Acesso em: 06 mai. 2017.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Educação Física. In: _____. Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de

- Ensino Fundamental, 2016 (no prelo). Consultores externos: Jaison José Bassani e Luciane Lara Acco. Assessor DEF/SME: André Justino dos Santos Costa
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Mariana Simões Pimentel. **PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DAS LUTAS**: Contextos e possibilidades. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GONÇALVES JÚNIOR, L; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão Educação Física e as artes marciais. **Motriz (Rio Claro)**, Rio Claro - SP, v. 7, n. 2, p. 131-132, 200. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/GocalvesJr.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- LANÇA NOVA, J. E. S. **Lutas na Educação Física Escolar**: Alternativas Pedagógicas. 2007. Disponível em: <http://lutasescolar.vilabol.uol.com.br/intro.html>. Acesso em: 10 mai. 2014.
- LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1995.
- MARIANTE NETO, F. P., **Da academia de boxe ao boxe da academia**: Um estudo etnográfico 2010
- MARIANTE NETO, F. P; MYSKIW, M; STIGGER, M. P. ENTRE A ACADEMIA DE BOXE E O BOXE DA ACADEMIA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 103-123, jan. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/23242/17342>. Acesso em: 29 jul. 2017.
- MATTOS, M. G; ROSSETTO JR, A. J; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**. 1. ed. São Paulo: Editora Phorte, 2004.
- MELO Organização de Trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar. Florianópolis. **Motrivivência**. Ano XX, N 31, p.36-49. Dez./2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2008n31p36/12950> Acesso em: 20 jul. 2017.

MOREIRA, L; MOROUN, K. Práticas educativas desenvolvidas pelo discente de Educação Física: O conteúdo lutas nas escolas. **R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em:

<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/2836/1942> Acesso em: 20 jul. 2017.

ROSÁRIO, R; DARIDO, C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz (Rio Claro)**, São Paulo, v.11, n.3, p.167-178, set/dez, 2005. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/10LRF.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A SEPARAÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS “LUTAS” DOS “ESPORTES” NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NECESSIDADE OU TRADIÇÃO?. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 14, n. 3, p.1-12, 31 dez. 2011. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v14i3.12202>.

SO, M. R; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na Educação Física escolar. In: IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as Lutas no Contexto da Motricidade Humana, 2009, São Carlos-SP. **IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as Lutas no Contexto da Motricidade Humana**. São Carlos-SP: Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana/UFSCar, 2009. p. 540-553.

SOLTERMANN, L. **Uma breve história do boxe como esporte moderno**. Rio Claro: SP, 2009.

SOUZA JUNIOR, T. P; OLIVEIRA, S. R. L; DOS SANTOS, S. L. C. Artes Marciais, Esportes de Combate ou jogos de oposição? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital. Buenos Aires, v.15, n.158. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd148/artes-marciales-o-jogos-de-oposicion.htm>. Acesso em: 23 mai. 2017.

SOUZA, George Luiz Cardoso de. **As propostas das lutas na Educação Física escolar**. 2009. 38 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de

Rio Claro, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/121418>. Acesso em: 19. Jul.2017.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.



TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p.179-204, 2007.



VAGHETTI, C; ROESLER, H; ANDRADE, A. Tempo de reação simples auditivo e visual em surfistas com diferentes níveis de habilidade: comparação entre atletas profissionais, amadores e praticantes. **Rev Bras Med Esporte**. Vol. 13, n. 2, Mar/Abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v13n2/03.pdf> Acesso em: 19. Jul.2017.




WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (presente na matrícula do aluno na escola)

 ESTADO DE SANTA CATARINA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO		 <small>SISTEMA DE INOVAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL</small>
FICHA DE MATRÍCULA DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANO DE 2017		
IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)		
Nome: 8105377215 - GUTEMBERG DOS SANTOS SILVA		
Sexo: MASCULINO	Data Nascimento: 07/11/2000	Cor/Raça: PRETA
Identidade: 384100472	Órgão Emissor: SDS SC	Data Expedição: 16/07/2013
Certidão Nascimento: 2311	Folha: 241	Livro: 8AR5F
Nova Certidão:		
Cartório: MARIA LUCIA SAMPAIO FALCAO	UF Cartório: SC	
Nacionalidade: BRASIL	Naturalidade: MACEIO	AL
Endereço: RUA 25 DE NOVEMBRO, 02	Complemento: CASA	
Bairro: Serrinha	Cidade: FLORIANOPOLIS SC	Cep: 88040-445
Fone Resid.:	Celular: 8430-5820	Fone Recado: 8430-5820
Ponto Referência: SERVIDAO ROSA MACHADO		
Distância da Residência da criança/adolescente até a Unidade Educativa: 3000 metros		
Com quem a criança/adolescente mora: TIA		
Pessoa que acompanha a criança/adolescente na vida escolar: TIA		
DADOS DA MÃE		
Identificador: 8105377215		
Nome: ANA PAULA DOS SANTOS	Data Nascimento: 13/04/1976	
Cidade Nascimento: MACEIO	AL	
Escolaridade: FUNDAMENTAL INCOMPLETO	Profissão: VENDEDORA	
Local Trabalho: gama Lins moveis	Horário: integral	
Endereço Trabalho:	Fone:	
Faixa de Renda: ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO	Religião: CATÓLICA	
Tempo Residência: ACIMA DE 10 ANOS	Fone Resid.:	Fone Celular: 8857-3987
Endereço: CONJUNTO LUCILA TOLEDO RUA 4 QD B 246		
E-mail:		
DADOS DO PAI		
Identificador: 8105377215		
Nome:	Data Nascimento:	
Cidade Nascimento: MACEIO	AL	
Escolaridade:	Profissão:	
Local Trabalho:	Horário:	
Endereço Trabalho:	Fone:	
Faixa de Renda:	Religião:	
Tempo Residência:	Fone Resid.:	Fone Celular:
Endereço:		
E-mail:		

 ESTADO DE SANTA CATARINA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO		 <small>SISTEMA DE INOVAÇÃO E SERVIÇO EDUCACIONAL</small>
FICHA DE MATRÍCULA DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANO DE 2017		
DADOS DO RESPONSÁVEL LEGAL		
Identificador: 8105377215		
Nome: ROSILDA DA CONCEICAO	Data Nascimento: 12/07/1966	
Grau Parentesco: TIO		
Cidade Nascimento: MACEIO	AL	
Escolaridade: FUNDAMENTAL INCOMPLETO	Profissão: SERVICOS GERAIS	
Local Trabalho: centro de desportos	Horário: integral	
Endereço Trabalho: UFSC	Fone: 8430-5820	
Faixa de Renda: ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO	Religião: CATÓLICA	
Tempo Residência: DE 5 ATÉ 10 ANOS	Fone Resid.:	Fone Celular: 8430-5820
Endereço: RUA 25 DE NOVEMBRO		
E-mail:		
TRANSPORTE ESCOLAR		
Necessitará Transporte Escolar em 2017: SIM		
Número Cartão Transporte: 0	Código Escola Setor Transporte: 262	
Zona de Moradia: URBANA		
SAÚDE DO(A) ALUNO(A)		
Usa Óculos: NÃO		
Possui Anemia: SIM	Possui Diabetes: NÃO	
Data Vacinação:		
Possui Plano de Saúde: NÃO	Qual:	
Usa Medicamento: SIM	Qual: AEROLIN	
Possui Alergia: SIM	Tipo: AMOXICILINA, NIMESULIDA	
Fator Sanguíneo: NÃO SEI	Tipo: NÃO SEI	
Medidas Biométricas: 56, quilos 1,69 metros		
Habilidade Motora: DESTRO		
Possui Intolerância à Lactose: NÃO		
Possui Intolerância à Glúten: NÃO		
Possui Refluxo: NÃO		
Tipo de Deficiência: Não Possui		
Em caso de acidente/emergência, autorizo a Unidade Educativa encaminhar a criança/adolescente para receber o devido atendimento fora do estabelecimento de ensino: SIM		

	ESTADO DE SANTA CATARINA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
FICHA DE MATRÍCULA DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANO DE 2017		
ASPECTOS GERAIS		
Autoriza uso de imagem e produção: SIM		
Autoriza sair da Unidade Educativa: SIM		
Família recebe Bolsa Família: NÃO		
Local de permanência no contra-turno: TRABALHO		
Tem computador: NÃO Acessa Internet: CASA		
IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA E SÉRIE/ANO ONDE O(A) ALUNO(A) SE MATRICULOU		
Unidade Escolar: 779 - EBM BEATRIZ DE SOUZA BRITO		
Série/Ano: 9		
FLORIANOPOLIS, 15 de dezembro de 2016.		
 _____ Assinatura do Pai, Mãe ou Responsável		

Importante:

Solicitação de Matrícula efetuada na Unidade Educativa e Série/Ano para 2017 com sucesso. Parabéns!
ESTA MATRÍCULA SÓ SERÁ EFETIVADA MEDIANTE APRESENTAÇÃO DA SEGUINTE DOCUMENTAÇÃO, NA SECRETARIA DA UNIDADE EDUCATIVA ATÉ 15/12/2016, via original e fotocópia:

- Comprovante de residência atualizada(últimos três meses)
- Certidão de Nascimento e/ou Carteira de Identidade do(a) estudante
- Boletim escolar e/ou atestado que comprove a conclusão da etapa/ano anterior

O TURNO SERÁ DEFINIDO NA EFETIVAÇÃO DA MATRÍCULA

15/12/16

13:50:21

ANEXOS
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO ANTES DO INÍCIO DO MÓDULO

CENTRO DE EDUCAÇÃO / (MEN/CED/UFSC)**E.B.M. BEATRIZ DE SOUZA BRITO****Orientador: Dr. Fábio Machado Pinto e Luciana Marcazza****Prof. De Educação Física: Roberta****Estagiárias: Glaura Gaiaralde Silveira e Renata Schlemper Ocker**

Nome: _____

Idade: _____

Questionário 1 (Etapa Anterior ao Módulo de Aulas)

1. Que você entende sobre o conteúdo lutas na Educação Física escolar?

2. Você já teve alguma vivência do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física?

3. Existem, na sociedade, algumas considerações que destacam as lutas como sendo uma forma de violência. Que você tem a dizer sobre isso?

4. Como você percebe a inclusão do conteúdo lutas na Educação Física escolar? Você gostaria de vivenciar esse conteúdo? Por quê?

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO APÓS O ÍNICIO DO MÓDULO**CENTRO DE EDUCAÇÃO / (MEN/CED/UFSC)**

E.B.M. BEATRIZ DE SOUZA BRITO

Orientador: Dr. Fábio Machado Pinto e Luciana Marcazza

Prof. De Educação Física: Roberta

Estagiárias: Glaura Gaiaralde Silveira e Renata Schlemper Ocker

Estudante: _____

Idade: _____

Questionário 2 (Etapa após ao Módulo de Aulas)

1. Em sua opinião, o boxe pode ser desenvolvido nas aulas de Educação Física? _____

2. Existem benefícios em ensinar o boxe? Se sim quais? Se não, por quê? _____

3. Após o módulo de aulas que vivenciou, você tem algum receio em relação ao conteúdo de lutas na Educação Física? Em caso afirmativo, quais? _____

4. Em sua opinião, é importante a continuidade/presença das lutas nas aulas de Educação Física? Se sim, por quê? _____

5. Como você avalia as estratégias de ensino utilizadas pela professora estagiária, foram positivas? Foram negativas? Explique. _____
